

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS



MUSEU AFRO

PRESERVANDO MEMÓRIAS

ALUNA: ANA CLARA SIMPLÍCIO CHRISPIM

ALUNA: ANA CLARA SIMPLÍCIO CHRISPIM

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Arquitetura e Urbanismo, apresentado à Faculdade Pontifícia Universidade Católica de Goiás com requisito para obtenção de grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Me. Frederico Rabelo

GOIÂNIA
2024

Eu dedico este trabalho aos meus pais e avós, por todo o amor, apoio e dedicação ao longo da minha vida. Agradeço por acreditarem em mim, mesmo nos momentos de dúvida, e por serem meu porto seguro em todas as etapas desta jornada. Este trabalho é fruto de um esforço conjunto, e sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por serem minha inspiração e meu maior exemplo de força, resistência, resiliência e perseverança.

RESUMO

O Brasil é o país com a maior população negra fora do continente africano. De acordo com o Censo Demográfico de 2022, o país está se tornando progressivamente mais negro, com o aumento das populações preta e parda e a redução da população branca em números absolutos, em comparação ao Censo de 2010. Apesar disso, grande parte dessa população ainda carece de conhecimento sobre sua história, cultura e origens, o que reforça a importância de iniciativas educacionais e culturais voltadas para o resgate dessa herança. Nesse contexto, as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino públicas e privadas, enfrentam desafios significativos para sua implementação efetiva. É nesse cenário que o Museu Afro se destaca como um agente essencial, desafiando as narrativas históricas eurocêntricas e promovendo uma visão mais inclusiva e equitativa da história brasileira. Esses espaços cumprem um papel fundamental na preservação de memórias, no fortalecimento do empoderamento comunitário e na promoção de uma educação antirracista. Inspirado pela metodologia de Josep Maria Montaner para museus do século XXI, adotei a segunda tipologia, “A Evolução da Caixa”, como base para desenvolver o edifício da exposição. O projeto fundamenta-se em uma planta livre e flexível, máxima acessibilidade e formas puras, mas simbolicamente expressivas. O partido arquitetônico combina formas simples e marcantes com uma materialidade que dialoga com a arquitetura vernacular, incorporando técnicas contemporâneas. Essa abordagem busca equilibrar tradição e inovação, traduzindo a riqueza cultural que o museu se propõe a preservar e disseminar.

Palavras Chave: Arquitetura Vernacular, Formas Puras, Materialidade, Cultura Afrodescendente

ABSTRACT

Brazil is the country with the largest Black population outside the African continent. According to the 2022 Demographic Census, the country is becoming progressively more Black, with an increase in the Black and mixed-race populations and a decrease in the white population in absolute numbers compared to the 2010 Census. Despite this, a significant portion of this population still lacks knowledge about their history, culture, and origins, highlighting the importance of educational and cultural initiatives aimed at rescuing this heritage. In this context, Laws nº 10.639/2003 and nº 11.645/2008, which mandate the teaching of Afro-Brazilian and Indigenous history and culture in public and private educational institutions, face significant challenges in their effective implementation. It is within this scenario that the Afro Museum emerges as an essential agent, challenging Eurocentric historical narratives and promoting a more inclusive and equitable view of Brazilian history. These spaces play a fundamental role in preserving memories, strengthening community empowerment, and promoting anti-racist education. Inspired by Josep Maria Montaner's methodology for 21st-century museums, I adopted the second typology, "The Evolution of the Box," as the foundation for developing the exhibition building. The project is based on an open and flexible floor plan, maximum accessibility, and pure yet symbolically expressive forms. The architectural design combines simple and striking forms with materiality that engages in dialogue with vernacular architecture, incorporating contemporary techniques. This approach seeks to balance tradition and innovation, translating the cultural richness the museum aims to preserve and disseminate.

Keywords: Vernacular Architecture, Pure Forms, Materiality, Afro-Descendant Culture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
01 TEMÁTICA	05
1.1 HISTÓRICO DA CULTURAL AFROBRASILEIRA	06
1.2 HISTÓRICO DA CULTURAL AFROBRASILEIRA EM GOIÁS	08
1.3 MEMÓRIAS	09
02 TEMA	11
2.1 TIPOS DE MUSEUS	12
2.2 MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS	15
2.3 OBJETIVOS	17
2.4 EXPOGRAFIA	18
2.5 PERFIL DO USUÁRIO	20
2.6 DIRETRIZES CONCEITUAIS	21
03 ESTUDO DE CASO	22
3.1 MUSEU AFRO BRASIL	22
3.2 MUSEU NACIONAL DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO AMERICANA	25

SUMÁRIO

3.3	CENTRO IDEAL LAND ART E CULTURE	28
------------	---------------------------------	----

04	REGIÃO LUGAR	30
-----------	--------------	----

4.1	REGIÃO	30
------------	--------	----

4.2	SETOR SUL	31
------------	-----------	----

4.3	DEFINIÇÃO DO TERRENO	33
------------	----------------------	----

4.4	ANALISE DO ENTORNO	35
------------	--------------------	----

05	O PROJETO	39
-----------	-----------	----

5.1	PROGRAMA DE NECESSIDADE	40
------------	-------------------------	----

5.2	FLUXOGRAMA	41
------------	------------	----

5.3	PROJETO	42
------------	---------	----

INTRODUÇÃO

A temática cultural é uma expressão vívida das identidades, valores e tradições de uma sociedade, englobando uma vasta gama de manifestações como arte, música, dança, literatura, arquitetura e costumes. Essa dinâmica e evolução contínua da cultura são impulsionadas pela interação entre as pessoas em suas comunidades, moldando e refletindo as experiências compartilhadas ao longo do tempo.

Em Goiânia, apesar da diversidade cultural presente na cidade, observa-se uma lacuna significativa: a ausência de um centro ou museu dedicado à cultura afro-brasileira. Enquanto outras regiões do país contam com diversos espaços culturais voltados para essa temática, a capital goiana carece de um local específico para preservar e valorizar a rica herança cultural afrodescendente que moldou parte essencial da identidade regional. Nesse contexto, surge a proposta do Museu Afro: Preservando Memórias, inspirado pela legislação que tornou obrigatório o ensino sobre a Cultura Afro-brasileira em todos os currículos escolares. Este museu visa oferecer um ambiente dedicado à preservação e celebração da cultura afro-brasileira, onde as perspectivas e narrativas dos negros sejam destacadas e valorizadas.

Além disso, a constatação do historiador Laurentino Gomes sobre o apagamento da cultura afro no país, evidenciada pela falta de museus dedicados à história da escravidão no Brasil, reforça a importância desse espaço em Goiânia. O Museu Afro: Preservando Memórias aspira ser um local de visita obrigatória para todos que desejam conhecer e se conectar com a verdadeira história desse povo, reconhecendo sua riqueza cultural e diversidade como elementos fundamentais da identidade brasileira.

01

TEMÁTICA

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

TEMÁTICA

CULTURA AFROBRASILEIRA



1

Escravidão no
Brasil

2

Quilombos como
Centros de
Resistência

3

Manifestações
Culturais Africanas
no Brasil

4

Influência na
Arquitetura

5

Cultura Afro-
brasileira em
Goiás

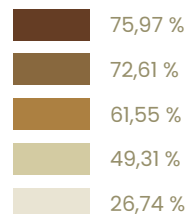
6

Projetos
Culturais e
Memória
Cultural

TEMÁTICA



POPULAÇÃO NEGRA POR REGIÃO



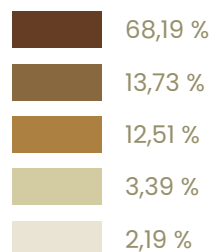
Os dados do Censo Demográfico de 2022 mostram que o Brasil está se tornando cada vez mais negro, com o aumento da população preta e parda e a redução da população branca em números absolutos, em comparação com o Censo de 2010. Esse fenômeno, descrito pelos especialistas como um processo de “enegrecimento” da população, reflete uma trajetória observada desde o Censo de 1991.

Segundo Darcy Ribeiro, em *O Povo Brasileiro* (1995), oferece uma análise profunda das raízes desse processo. Ele explora os traumas da colonização, o impacto devastador da escravidão e a poderosa resistência das culturas indígenas e afrodescendentes.

TEMÁTICA



POPULAÇÃO QUILOMBOLAS POR REGIÃO



Embora a população brasileira esteja cada vez mais marcada por essa ancestralidade negra, Ribeiro destaca que muitos ainda desconhecem ou resistem a essa parte de sua história, fruto das desigualdades estruturais e da negação cultural perpetuadas ao longo do tempo. O livro também celebra a capacidade do povo brasileiro de se reinventar, criando uma identidade rica e diversa, resultado do encontro de múltiplas heranças culturais. Assim, os dados do Censo e a obra de Ribeiro juntos revelam um Brasil que está, pouco a pouco, reconhecendo sua verdadeira composição e história, mas que ainda enfrenta o desafio de valorizar plenamente suas origens.

HISTÓRICO DA CULTURAL AFROBRASILEIRA

O Brasil se destaca como o país que, ao longo de um extenso período e em grande quantidade, recebeu pessoas negras originárias da África. Durante o século XVIII, aproximadamente 1.685.200 escravos desembarcaram em território brasileiro, com cerca de 1.134.600 provenientes de Angola e 550.600 da Costa da Mina (novo Golfo da Guiné). Muitos desses indivíduos foram brutalmente privados de sua cultura, tradições e religião. No entanto, em meio à crueldade da escravidão, emergiram os quilombos como centros de resistência.

Nos quilombos, os negros encontraram refúgio para expressar sua cultura e religiosidade, preservando os costumes de suas terras natais. Foi nesse contexto que surgiram diversas manifestações artísticas, como o samba, a farofa, o moleque, o dengo, o neném e a quentada, expressões linguísticas de origem africana que perduram até os dias de hoje.

Hoje, as melodias brasileiras são celebradas internacionalmente por sua riqueza e diversidade, refletindo a profunda herança africana que permeia a identidade musical do país.

A influência dos negros na cultura brasileira, especialmente na música, é profundamente marcante. Os ritmos pulsantes, os batuques e os gingados presentes na música brasileira têm suas raízes fincadas na África. O samba, em particular, é a expressão máxima dessa influência, sendo reconhecido como um dos símbolos mais representativos da cultura brasileira.

O estilo musical conhecido como samba teve sua origem por volta da década de 1920, no Rio de Janeiro, e desde então tem sido uma influência fundamental para o desenvolvimento de outros gêneros musicais, como o samba de enredo, o samba-canção e a bossa nova. Além do samba, diversas manifestações culturais africanas continuam a ser celebradas no Brasil até os dias de hoje.

Entre elas, destacam-se o "Coco", também conhecido como "Bambelô", uma dança tradicional nas regiões litorâneas do Nordeste. O "Moçambique" é outra expressão cultural reconhecida, especialmente na região Sudeste, enquanto o "Frevo" é uma manifestação típica de Pernambuco, embora tenha conquistado fama em todo o país.

O Frevo foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil devido à sua história de resistência à repressão policial. A "Capoeira", trazida pelos africanos de Angola, é uma prática que combina arte marcial, dança e expressão cultural.

Reconhecida, também como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial, a Capoeira é uma forma emblemática de preservar e celebrar a história e a tradição dos ancestrais africanos no Brasil.

Uma característica marcante da cultura afro-brasileira é a riqueza dos temperos que permeiam nossa culinária. Hoje, é impossível falar da influência dos africanos sem destacar a herança gastronômica que nos deixaram. Pratos emblemáticos como acarajé, mungunzá, quibebe, farofa, vatapá e tantos outros são testemunhos dessa influência.

Originalmente, esses alimentos eram preparados como oferendas para as divindades religiosas, evidenciando a profunda ligação entre religião e culinária na cultura africana, e sua subsequente incorporação e adaptação no contexto brasileiro. Essa diversidade de sabores e aromas é uma expressão viva da identidade afro-brasileira, enriquecendo nossa cultura e alimentando nossa história.

Além da riqueza culinária, os africanos também trouxeram consigo suas ricas tradições religiosas, como o candomblé, a umbanda, a macumba e o omoloko. No entanto, devido à proibição de praticar abertamente suas crenças, os escravizados encontraram uma maneira de preservar sua fé através do sincretismo religioso, associando cada orixá a um ou mais santos católicos.

Essa adaptação criativa resultou em práticas religiosas únicas, que são uma parte essencial da identidade afro-brasileira, representando tanto uma resistência cultural quanto uma celebração da diversidade espiritual do povo negro no Brasil.

Na arquitetura colonial brasileira, tanto o movimento Rococó quanto o Barroco foram influenciados pela cultura africana. Durante os séculos XVIII e XIX, houve uma intensa interação cultural entre os escravizados, os povos indígenas e os colonizadores europeus. Essa troca cultural deixou marcas profundas na arte e na arquitetura do período. No estilo Rococó, especificamente, podemos observar influências africanas nos elementos decorativos e técnicas artísticas empregadas.

Por exemplo, em muitas igrejas, como a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, vemos padrões geométricos, figuras e temas religiosos afro-brasileiros incorporados à decoração. Essa combinação de influências resultou em uma arquitetura única que reflete a rica diversidade cultural do Brasil colonial.

HISTÓRICO DA CULTURAL AFROBRASILEIRA EM GOIÁS

Após o período da corrida pelo ouro, a composição social de Goiás se tornou mais diversificada, abrangendo não apenas negros escravizados e libertos, mas também antigos exploradores de ouro em declínio, portugueses e seus descendentes, muitos dos quais assumiram importantes cargos políticos e religiosos, além da presença contínua dos povos indígenas que resistiram à colonização. A construção de Goiânia, por sua vez, foi conduzida principalmente por migrantes que trouxeram consigo suas tradições culturais e identidades regionais.

Dentro do território goiano, percebemos expressões vívidas dessas diversas culturas, com grupos que se organizam de forma espacial, migrantes que preservam e reinventam suas tradições, contribuindo para a riqueza e a diversidade das práticas culturais na região.

A influência da população preta desde os primórdios da colonização do interior brasileiro foi fundamental para a formação da identidade cultural goiana. A cultura local incorporou uma parte significativa de seus saberes, memórias e práticas da cultura africana. Dessa maneira, expressões culturais negras como o samba, as congadas, a capoeira e as manifestações religiosas de matriz africana ganharam proeminência na rica diversidade cultural de Goiás.

A congada é uma expressão cultural originada no Brasil, resultante da interação entre elementos do catolicismo negro de origem portuguesa e africanos, adaptados às peculiaridades de cada região do país. As festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário, que incluem homenagens a São Benedito e Santa Efigênia.

A capoeira em Goiás tem uma presença significativa, tanto como uma expressão cultural quanto como uma prática esportiva. Originária da África e desenvolvida no Brasil durante o período colonial. Além disso, em Goiânia, essa manifestação artística é particularmente proeminente. Numerosos grupos praticam e se apresentam não apenas em centros culturais e academias, mas também em eventos populares como a Feira da Lua e a Feira do Sol, localizadas no Setor Oeste da cidade.

Atualmente, as expressões artísticas afro-brasileiras se destacam por meio de projetos sociais e culturais que promovem a disseminação da cultura, entretenimento e educação dentro da comunidade negra. Embora haja uma diversidade de iniciativas ativas, não há nenhum centro cultural exclusivo dedicado a esses projetos, garantindo uma distribuição equitativa das oportunidades de participação e engajamento em toda a comunidade.

MEMÓRIAS

Segundo Valdir Jose Morigi, a memória cultural é um complexo conjunto de heranças simbólicas, tangíveis e intangíveis, que se manifestam em diversos aspectos da vida social, como monumentos, documentos, rituais, tradições, objetos e narrativas. Ela desempenha um papel vital na construção das identidades individuais e coletivas, contribuindo para a compreensão e perpetuação das experiências passadas e da cultura de um povo. Existem dois tipos principais de memória: a memória comunicativa e a memória cultural.

A memória comunicativa refere-se às lembranças pessoais e autobiográficas, tendo uma duração relativamente curta, geralmente limitada a três ou quatro gerações. Por outro lado, a memória cultural é mais abrangente e profunda, permitindo-nos entender como os processos de preservação das heranças simbólicas se desenvolvem e se perpetuam ao longo do tempo. São essas memórias que os indivíduos utilizam para construir suas identidades e se conectar com suas comunidades e grupos sociais.

As representações culturais de tribos, comunidades, nações ou grupos étnicos são, negavelmente, expressões de representações sociais. No entanto, elas possuem nuances que as distinguem das coletividades mais amplas. Essas representações carregam consigo marcas culturais profundamente enraizadas no pensamento e comportamento dos povos, refletindo suas tradições, valores e identidades únicas.

Assim, as representações culturais étnicas se destacam por sua maior estabilidade, ou seja, são mais duradouras e resistentes à mudança em comparação com outras formas de representação. A noção de identidade étnica, derivada da memória cultural dos indivíduos, que utilizam certos objetos como veículos para acessar e transmitir códigos e valores culturais formados nas interações sociais passadas, também passa por um processo seletivo similar. Esse processo busca integrar elementos que confirmem os pertencimentos e estabeleçam parâmetros distintivos no presente.

Os objetos não são apenas representações materiais de práticas imateriais, são também construções simbólicas que evocam lembranças dos modos de vida, fundamentadas em valores consolidados. Tais valores estão relacionados à família, trabalho, religiosidade, sociabilidades, culinária, contrastes entre ambientes urbanos e rurais, infância e idade adulta.

02 TEMA

Nunca, jamais, nos curvaremos ao racismo e à intolerância, seja ela qual for. Não cederemos um milímetro ao ódio.

Seu Jorge

TEMA

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS



1

Contexto Histórico
da População
Negra no Brasil

2

Desafios Atuais da
Cultura Afro-
brasileira

3

Leis de Inclusão e
Desafios na
Implementação

4

Papel dos Museus
Afro na
Preservação da
Memória

5

Importância
Contemporânea
dos Museus
Afro

TIPOS DE MUSEUS

A ideia de museu desempenhou um papel fundamental na definição dos conceitos de cultura e arte na sociedade ocidental. Ao explorar o surgimento dos museus, é crucial entender sua relação com o hábito de colecionismo, tanto público quanto privado. Desde a Era pré-histórica, com o homem Cro-Magnon, que já colecionava uma variedade de objetos, alimentos, roupas e outros itens, o impulso para reunir e preservar tem sido uma constante na história humana.

A palavra "museu" foi aplicada pela primeira vez em uma instituição criada por Ptolomeu II em Alexandria, no ano de 285 a.C. Este é o mais famoso museu da antiguidade, dedicado à coleção e compreensão de artefatos e conhecimentos. Durante as grandes navegações dos séculos XVI e XVII, a curiosidade das pessoas em descobrir mais sobre outras regiões do mundo levou ao aumento das coleções heterogêneas e assimétricas de materiais de várias origens.

Figura 1: Ilustração do Museu



Fonte: Cultura Paraná em 01/04/2024

No entanto, foi com o Museu Ashmoleano que começou a surgir o desejo de que as coleções se tornassem públicas, embora inicialmente as visitas fossem restritas a pessoas cultas e instruídas. Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma mudança significativa no comportamento da sociedade em todo o mundo. O conflito global levou as pessoas a valorizarem mais a preservação da história, arte e cultura, resultando em um aumento no interesse e na frequência aos museus.

TIPOS DE MUSEUS

Consequentemente, uma variedade de museus de diferentes tipologias e estilos surgiram ao redor do mundo. Segundo Josep Maria Montaner, ao longo dos séculos XX e XXI, podemos identificar oito tipologias distintas de museus. A primeira tipologia é aquela em que o museu se configura como um organismo singular, um "fenômeno extraordinário".

Figura 2: Museu Guggenheim



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

Figura 3: Museu de Arte Ocidental



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

Geralmente encontrado em contextos urbanos consolidados, esse tipo de museu destaca-se por suas obras que funcionam como contrapontos radicais, criando um efeito de choque que transforma o próprio museu em uma gigantesca escultura. Um exemplo notável é o Museu Guggenheim de Nova Iorque, projetado por Frank Lloyd Wright. A segunda tipologia é a "ideia de caixa", caracterizada por museus com formas puras, como prismas e cubos.

Essas formas simplificadas, padrão e universais foram transformadas na arquitetura moderna, passando de uma caixa interna opaca para plantas livres e flexíveis, como no projeto do Museu de Arte Ocidental de Le Corbusier.

A terceira tipologia é o "objeto minimalista", que adota formas bastante definidas, como caixas, buscando criar formas mais essenciais e estruturais, transcendentais ao tempo e aos recursos tecnológicos disponíveis. Um exemplo é o Gran Louvre, projetado por I.M. Pei. Na quarta tipologia, encontramos o "museu-museu", onde tanto a resolução interna quanto a integração com o entorno são moldadas a partir da estrutura tipológica do museu, expressando seu conteúdo de maneira única. Um exemplo é a Galeria de Arte da Universidade de Yale.

Figura 4: Museu Gran Louvre



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

Figura 5: Galeria de Arte da Universidade de Yale



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

TIPOS DE MUSEUS

No quinto tipo, o "museu que se volta para si mesmo", surge o conceito de museu introspectivo, que se fecha em torno de sua coleção e espaços, ao mesmo tempo em que se abre delicadamente para o exterior. Um exemplo é o Centro Galego de Arte Contemporânea. A sexta tipologia é o "museu colagem", que se resolve por meio de fragmentos diversos, subdividindo as diversas exigências em diferentes corpos. O Museum of Contemporary Art (MOCA) é um exemplo desse tipo de museu.

Figura 6: Centro Galego de Arte Contemporânea



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

Figura 7: Museum of Contemporary Art Chicago



Fonte: Museum of Contemporary Art Chicago em 25/03/2024

O sétimo tipo é o "antimuseu", que busca dissolver-se na realidade, negando soluções convencionais e representativas, exemplo PS1 Contemporay Art Center. Por fim, a oitava tipologia é a das "formas da desmaterialização", que podem se desenvolver em diversas direções, desde caixas transparentes até formas que se espelham no espaço urbano ou se camuflam por trás de outros edifícios.

Figura 8: PS1 Contemporay Art Center



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

Figura 9: O Museu de Arte Contemporânea Hellsinque



Fonte: Archdaily em 25/03/2024

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS

O Brasil é hoje o país com a maior população negra fora do continente africano. No entanto, é importante ressaltar que a abolição da escravidão, consagrada pela Lei Áurea em 13 de maio de 1888, não resolveu muitas das questões cruciais relacionadas à inclusão e aos direitos dos negros e negras libertos na sociedade brasileira. Pelo contrário, essa abolição ocorreu sem qualquer tipo de reparação, indenização ou implementação de políticas sociais adequadas.

Na realidade, a abolição deixou muitos libertos sem alternativas viáveis de trabalho, moradia, saúde e alimentação, ou seja, sem meios de subsistência. Esse período pós-abolição foi marcado pela construção das bases da sociedade capitalista, racista e patriarcal brasileira, que se fundamentou na exploração do trabalho dos negros nas lavouras, nos engenhos e nas grandes propriedades, além da prática generalizada de miscigenação forçada por meio do estupro das mulheres negras e indígenas.

Além disso, ao discutirmos a cultura durante o período colonial, nos confrontamos com uma tentativa sistemática de apagar e impor uma cultura eurocêntrica sobre os negros africanos trazidos para o Brasil.

Eles foram submetidos à violência e repressão por expressarem sua cultura, religião, culinária e outras formas de manifestação cultural própria. Atualmente, pouco mudou em relação à repressão enfrentada pelos negros ao expressarem sua cultura, inclusive no acesso a oportunidades culturais, seja como espectadores ou artistas. Nesse contexto, o Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC), divulgou dados sobre a ocupação no setor cultural, segundo sexo, cor ou raça, por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esses dados revelam que apenas 4,5% das pessoas que se identificam como pretas ou pardas estão ocupando posições no setor cultural no país.

Outra problemática enfrentada pelos negros é o acesso à história e cultura afrodescendentes nas instituições de ensino. Além de serem frequentemente apresentadas sob uma visão eurocêntrica, colonizadora e romantizada dos negros escravizados no Brasil, muitas instituições abordam essa história de forma superficial, e outras sequer incluem esses temas em seus currículos.

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS

Apesar da existência da Lei nº 10.639, de janeiro de 2003, e da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, a implementação efetiva dessas leis ainda é um desafio. Essas leis visam promover um programa de conteúdo abrangente sobre os diversos aspectos da história e cultura que caracterizam a formação da população brasileira a partir desses dois grupos étnicos.

Isso inclui o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira, bem como o papel do negro e do índio na formação da sociedade nacional, resgatando suas contribuições nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

Por fim, de acordo com o artigo 215 seção II – da Cultura, da Constituição da República Federativa do Brasil, o Estado tem o dever de garantir o acesso às fontes da cultura nacional, além de apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Nesse contexto, os museus afro desempenham um papel fundamental ao desafiar narrativas históricas eurocêntricas e promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa da história. Ao fazer isso, contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e compassiva, onde todas as vozes e experiências são valorizadas e reconhecidas. No mundo contemporâneo, a necessidade de preservar e celebrar a história e a cultura afro nunca foi tão urgente. Enquanto enfrentamos desafios contínuos relacionados à injustiça racial, discriminação e apagamento histórico, os museus afro emergem como faróis de esperança e resistência. Esses espaços se tornaram centros vitais de preservação de memórias, empoderamento comunitário e educação sobre questões raciais.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo criar um espaço dedicado à valorização e preservação da cultura afro-brasileira, proporcionando acesso a todos sobre a história marcada por sofrimento e resistência, e promovendo a inclusão de mais artistas afrodescendentes na indústria cultural.

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS

Por meio desse museu, busca-se contribuir para a promoção da justiça social, o reconhecimento da diversidade cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ao destacar a importância desses espaços como agentes de mudança e transformação em nossa sociedade, busca-se evidenciar o papel fundamental que desempenham na promoção do diálogo intercultural e na superação das desigualdades históricas.

OBJETIVO GERAL

Promover o reconhecimento, valorização, preservação, pesquisa e difusão da arte, história e memória cultural brasileira, destacando a influência da cultura luso-afro-brasileira, quilombola e africana.

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Desenvolver ações educativas voltadas para a promoção da cultura afro-brasileira, quilombola e africana;
- Promover iniciativas que fortaleçam a autoestima positiva da população negra;
- Realizar pesquisas sobre a história e as memórias da cultura afro-brasileira, afro-goiana e quilombola;

- Estabelecer-se como o museu de referência nacional na divulgação e preservação da cultura afro-brasileira, quilombola e africana;
- Reconhecer a influência da matriz afro-atlântica na identidade da cultura nacional;
- Proporcionar às diversas instituições culturais de Goiás, por meio de exposições e programas educativos, o acesso à memória, história e arte, destacando a influência afro-brasileira na cultura estadual e nacional;
- Contribuir para a redução de tabus e preconceitos enraizados na sociedade brasileira;
- Promover e divulgar o trabalho de novos artistas afrodescendentes;
- Incentivar as instituições de ensino a promover a disseminação da história e memória da cultura afro-brasileira e afro-goiana;

ORGÃO VÃO SER VÍNCULADOS

- IBRAM (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS)
- SECULT (SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA DE GOIÁS)
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
- SECRETÁRIA DE DIRETOS HUMANOS

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS

PROGRAMA EXPOGRAFICO

O Museu Afro: Preservando Memória apresentará uma exposição de longa permanência. Para garantir o dinamismo das apresentações e facilitar a compreensão, a exposição foi organizada por temas, combinando elementos interativos de tecnologia. Isso cria um cenário imersivo que permite aos visitantes experimentar uma variedade de emoções e sensações enquanto percorrem a história e a cultura afro-brasileira. O conteúdo da exposição será dividido em:

África a Origem

A exposição começa abordando a África como origem, destacando o reinado africano, as sociedades pré-coloniais, os sistemas políticos e sociais, e a rica cultura do continente, incluindo dança, artesanato e música. Além disso, será explorada a rota do tráfico negreiro transatlântico. Para guiar os visitantes através desse percurso, um ator estará presente para apresentar e narrar, acompanhando os visitantes ao longo da exposição. Nesse sentido, haverá muitas telas interativas, onde os visitantes poderão aprofundar seu conhecimento sobre cada tópico, explorar o cenário da época por meio de objetos, documentos, vídeos e gravuras.

Escravidão

Continuando a exposição sobre a escravidão, iniciaremos com a chegada dos africanos ao país, abordando o sistema de engenho açucareiro no Brasil e posteriormente em Goiás. Destacaremos a resistência que resultou na formação de vilas quilombolas, o surgimento da capoeira, do samba e de outras expressões culturais. Nesta seção, telas interativas mostrarão como os escravos eram vendidos, com algemas, verificação dos dentes e órgãos íntimos, sendo comercializados como arrobos, prática comum na época que os tratava como animais. Além disso, exibiremos objetos e gravuras que ilustram esse sombrio período da história.

Religiosidade Afrobrasileira.

Nessa seção, abordaremos como a Igreja Católica impôs uma religião diferente aos negros escravizados, que foram privados de sua casa, cultura e agora também de sua religião. Destacaremos o Candomblé e a Umbanda como formas de resistência cultural e espiritual, demonstrando a forte presença da cultura africana na religiosidade afro-brasileira. Para enriquecer essa exploração, contaremos com telas interativas, objetos históricos, vestimentas tradicionais, vídeos explicativos e gravuras que retratam a diversidade e a riqueza dessas tradições religiosas.

MUSEU AFRO: PRESERVANDO MEMÓRIAS

PROGRAMA EXPOGRAFICO

Era da Mineiraç o

Nessa se  o, aprofundaremos no contexto da minera  o em Goiás, abordando o descobrimento do ouro, a violência e a resistência dos afrodescendentes, além do papel da escravidão na atividade mineradora. Apresentaremos uma variedade de objetos expostos, documentos históricos, livros e telas interativas para enriquecer a experiência dos visitantes e proporcionar uma compreensão mais completa desse período histórico e suas ramifica  es na sociedade goiana.

Vilas Quilombolas

Nessa se  o, aprofundaremos na resistência dos povos afrodescendentes, destacando como muitas cidades de Goiás foram construídas e desenvolvidas por negros. Exibiremos a diversidade e riqueza das comunidades afrogoianas atuais, enfatizando suas distintas culturas, danças, músicas e tradi  es que serão preservadas. Utilizaremos telas interativas, exposi  es de objetos, roupas, documentos, gravuras e recursos audiovisuais para proporcionar uma imersão completa nesse rico legado cultural e histórico.

Histórias e Memórias

Nesta se  o, destacaremos figuras afrodescendentes importantes para o período, que deixaram sua marca na cultura, na resistência, na constru  o, na minera  o e em outras áreas. Esta será a última se  o da exposi  o e tem como objetivo mostrar a importância e restituir o respeito às pessoas afrodescendentes de Goiás e do Brasil, que fizeram contribui  es significativas, mas muitas vezes não foram reconhecidas. Utilizaremos telas interativas, gravuras, objetos e obras de arte para celebrar e homenagear esses indivíduos notáveis e sua herança duradoura.

PERFIL DO USUÁRIO



1

PÚBLICO GERAL

2

INSTITUIÇÃO DE
ENSINO

3

ORGÃO PÚBLICO

4

PESQUISADORES

5

PESSOAS PRETAS
E QUILOMBOLAS

03 ESTUDO DE CASO

A má índole associada a falta de educação leva ao racismo, ao preconceito e até a marginalidade.

Milton Santos

MUSEU AFRO BRASIL



Figura 9: Museu Afro Brasil Fonte: Museu Afro Brasil em 29/03/2024

- **NOME:** MUSEU AFRO BRASIL
- **TEMA:** MUSEU
- **AUTOR:** OSCAR NIEMEYER
- **DATA DA CONSTRUÇÃO:** 2004
- **ÁREA:** 12060 m²
- **LOCAL:** PARQUE IBIRAPUERA, SÃO PAULO
- **TÉCNICA CONSTRUTIVAS:** VIDRO, CONCRETO E AÇO

Figura 10: Localização Museu Afro Brasil



Fonte: Google em 29/03/2024

Ao pesquisar sobre os estudos relacionados ao tema do meu TCC, já estava ciente da existência de museus voltados à cultura negra. Optei pelo Museu Afro Brasil e fiquei particularmente impressionado com a qualidade da exposição e a maneira como ele aborda os conteúdos relacionados à cultura afro.

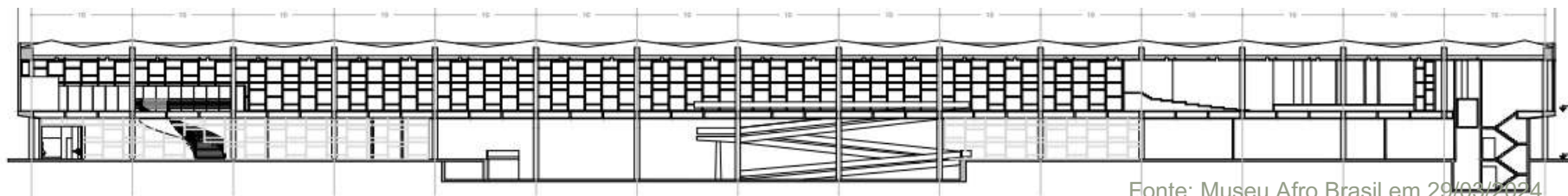
Diferentemente de muitos museus que ocupam edifícios já construídos, o Museu Afro Brasil foi concebido desde sua construção para abrigar essa temática específica. Analisar sua abordagem me ajudou a desenvolver a expografia do meu próprio projeto.

MUSEU AFRO BRASIL

Dessa forma, analise o Museu Afro Brasil esta inserido em no Parque Ibirapuera em São Paulo, junto com vários edifícios projetado pelo Oscar Neimeyer e outras construção, dentre esses Pavilhão das Culturas Brasileiras, Auditório Ibirapuera, Oca, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Planetário do Ibirapuera, Pavilhão Japonês.

Para acessar o parque, os visitantes podem utilizar as vias Pedro Álvares Cabral e o complexo viário Ayrton Senna. Dentro do parque, existem dez portões para acessar as construções, incluindo o Museu Afro Brasil, cujo acesso é feito pelo Portão Dez.

Em relação à sua localização, o Museu Afro Brasil está integrado a um complexo de construções semelhantes, caracterizadas por suas estruturas projetuais com alturas, cor branca, presença de vidro nas laterais e pilares em formato de “V” ao longo das edificações. O edifício está integrado de forma a estabelecer uma ligação por meio de uma laje com formato orgânico, que serve como abrigo e passagem para as pessoas.



Fonte: Museu Afro Brasil em 29/03/2024

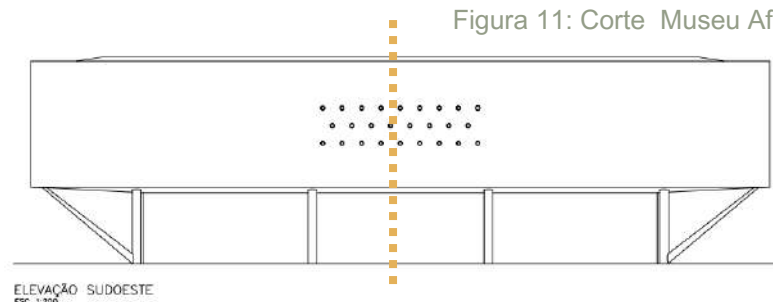


Figura 11: Corte Museu Afro Brasil

Fonte: Museu Afro Brasil em 29/03/2024

O Museu está situado em meio a uma área bastante arborizada, o que contribui para atenuar a incidência direta do sol.

Suas fachadas envidraçadas estão orientadas para o oeste (considerado desfavorável devido à intensidade do sol da tarde, que pode criar um efeito de "sauna" dentro do edifício) e para o leste (uma orientação mais favorável). Além disso, o térreo recuado proporciona um beiral no pavimento superior, que ajuda a criar sombreamento. A configuração espacial do edifício é um volume retangular com recuos nas laterais. É um monobloco em relação à sua temática, em seu entorno ele se integra a vários volumes interligados por uma laje orgânica.

Figura 11: Corte Museu Afro Brasil

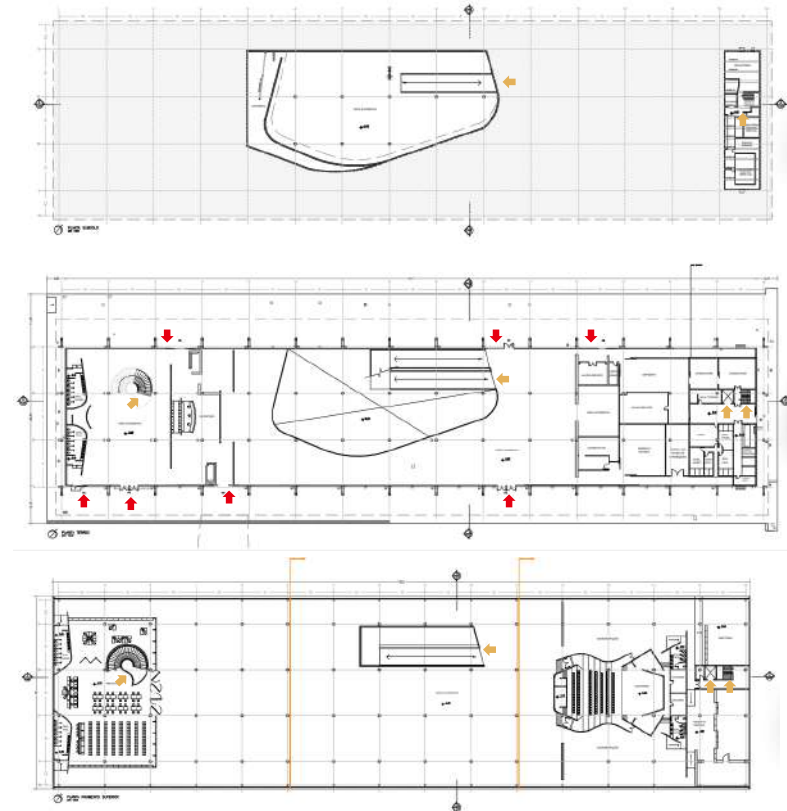
MUSEU AFRO BRASIL

Por compartilhar semelhanças com as construções ao seu redor, o edifício não ostenta uma hierarquia distinta, mas exibe simetria e harmonia. Se dividido ao meio, apresenta os mesmos elementos construtivos em ambos os lados. Sua forma é simples, assemelhando-se a um prisma com pilares em formato de “V” distribuídos ritmicamente ao longo da estrutura. Há um jogo entre volumes preenchidos e vazios, onde a repetição das janelas e a presença de vidro ao longo da construção enfatizam os espaços vazios. Estes predominam sobre os cheios, contribuindo para o ritmo visual do edifício.

Devido às paredes de vidro, o museu oferece um jogo de luz e sombra, permitindo que a luz natural penetre na construção e ilumine as obras de forma destacada, além de proporcionar uma atmosfera luminosa na biblioteca. No entanto, para o auditório, a iluminação é artificial.

Ao observarmos o interior do edifício, notamos uma planta modernista, caracterizada por pilotis, vão livre e planta livre, representando um único bloco linear com função cultural. Nos três pavimentos, encontram-se espaços de exposição, com uma rampa que guia os visitantes ao redor das obras. No térreo, há maior ênfase na exposição e seus espaços de apoio.

Figura 13,14 e 15: Planta Museu Afro Brasil



- ➡ Acesso vertical
- ➡ Acesso horizontal

Além disso, a estrutura, especialmente os pilares, segue um ritmo na planta. No que diz respeito ao acesso ao interior do edifício, no subsolo há uma rampa que leva ao térreo. No térreo, há oito acessos, incluindo opções verticais para o acesso ao pavimento superior, como a rampa, escadas e elevador.

MUSEU NACIONAL DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO AMERICANA



- **NOME:** MUSEU NACIONAL DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO AMERICANA
- **TEMA:** MUSEU
- **ARQUITETOS:** ADJAYE ASSOCIATES, FREELON ADJAYE BOND
- **DATA DA CONSTRUÇÃO:** 2016
- **ÁREA:** 39019 m²
- **LOCAL:** WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS
- **TÉCNICA CONSTRUTIVAS:** VIDRO E AÇO

Figura 16: Localização Museu Nacional da História e Cultura Afro - Americana



Fonte: Google em 29/03/2024

Ao escolher este museu, optei por uma instituição contemporânea, cuja construção foi meticulosamente concebida para celebrar a rica herança cultural afro-americana. Os detalhes arquitetônicos, como os cobogós, foram projetados com geometria inspirada em tradições africanas, agregando uma dimensão cultural profunda à estrutura.

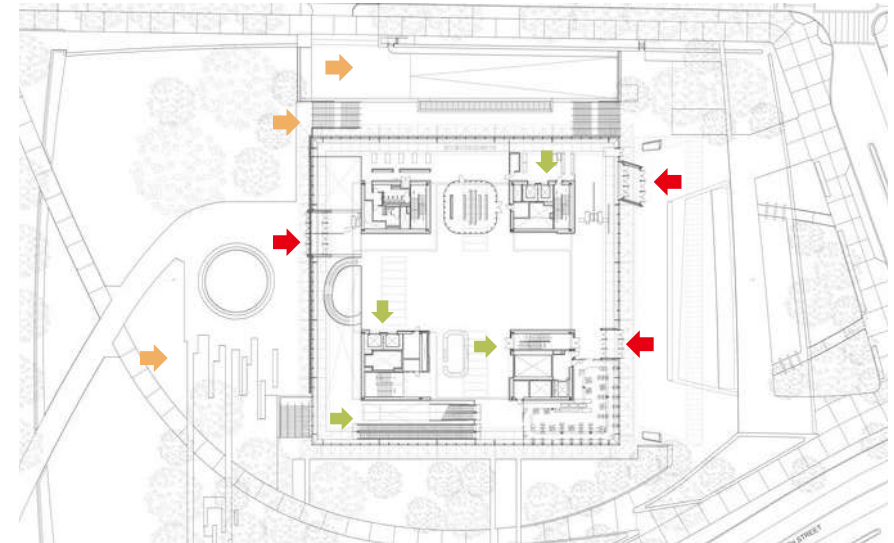
MUSEU NACIONAL DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO AMERICANA

Embora seja modesto em tamanho, o museu assume uma grande importância como representante dos Estados Unidos, que abriga diversos museus nacionais renomados. A incorporação desses elementos inspiradores certamente influenciará positivamente tanto a forma quanto a função do meu próprio edifício.

O Museu Nacional da História e Cultura Afro-Americana está localizado em Washington, nos Estados Unidos, integrado a um ambiente que abriga diversos outros museus renomados, como o Museu Nacional de História Americana, o Museu Nacional de História Natural, a Galeria Nacional de Arte, o Museu Nacional do Ar e Espaço, entre outros.

Sua proximidade com o Pentágono o torna um monumento de grande importância para os americanos. O museu está situado em uma superquadra, seguindo o padrão das demais construções da região. Para acessá-lo de forma funcional, a opção mais conveniente é utilizar transporte público ou carro. O acesso ao museu é feito por uma rampa localizada na lateral do edifício, além de uma escadaria na entrada principal. Para acessar os diferentes níveis horizontalmente, existem três portas disponíveis, enquanto o acesso vertical é garantido por meio de elevadores e escadas.

Figura 17: Planta térreo do Museu Nacional da História e Cultura Afro - Americana



Fonte: Archdaily em 29/03/2024

- ➡ Acesso vertical
- ➡ Acesso horizontal
- ➡ Acesso vertical interno

Em comparação com as outras construções, o Museu Nacional da História e Cultura Afro-Americana é o menor em altura e área, porém é igualmente importante. Sua arquitetura contemporânea contrasta com o estilo mais clássico renascentista dos museus e galerias do entorno, tornando-o um objeto de destaque na paisagem urbana.

MUSEU NACIONAL DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO AMERICANA

Além disso, o uso de materiais como aço e vidro, juntamente com sua volumetria em camadas sobrepostas, formando uma espécie de pirâmide invertida, contribui para destacar o contraste do museu com o entorno.

A incidência de luz solar no museu é significativa, especialmente nas fachadas voltadas para o norte e o oeste, onde está localizada uma das entradas. No entanto, o edifício conta com um cobogó metálico em todas as quatro fachadas, funcionando como uma segunda pele, auxiliando na regulação da entrada de luz natural no interior do museu.

O Museu é um volume único, simétrico e de composição simples. Seu sistema estrutural não está integrado à sua forma, não apresentando pilares ou vigas visíveis. Em relação aos materiais, por ser um edifício contemporâneo, utiliza aço e vidro, conferindo uma estética de leveza. Enquanto o térreo é revestido por vidro em todas as quatro fachadas, nos pavimentos superiores é utilizado cobogó metálico, criando a impressão de que o museu está flutuando.

O Museu apresenta um ritmo repetitivo no cobogó ao longo das quatro fachadas. Em termos de hierarquia, sua volumetria é menor em comparação com o entorno. O museu é caracterizado predominantemente pelos elementos preenchidos, sendo os vidros na parte inferior do edifício os vazios mais proeminentes.

Figura 18: Planta 1º pavimento do Museu Nacional da História e Cultura Afro - Americana



Fonte: Archdaily em 29/03/2024

Olhando para dentro do edifício, a planta é um bloco linear, com uma circulação em formato de cruz no térreo, concentrando ambientes nas quatro extremidades. No entanto, no primeiro pavimento, a disposição dos ambientes não segue o mesmo padrão do térreo. No primeiro andar, os diversos ambientes estão distribuídos com uma circulação mais restrita, e a função de cada ambiente é definida e fixa.

CENTRO IDEAL LAND ART E CULTURE



Figura 20: Centro Ideal Land Art e Culture Fonte: Archdaily em 29/03/2024

- **NOME:** CENTRO IDEAL LAND ART E CULTURE
- **TEMA:** MUSEU
- **ARQUITETOS:** VERSO DESIGN
- **DATA DA CONSTRUÇÃO:** 2015
- **LOCAL:** ZHENGZHOU, CHINA
- **TÉCNICA CONSTRUTIVAS:** VIDRO E AÇO

Figura 21: Localização Centro Ideal Land Art e Culture



Fonte: Archdaily em 29/03/2024

Sobre a escolha desse Museu, embora não esteja diretamente relacionado à temática afro, ele incorpora as funções básicas de qualquer museu. Além disso, sua arquitetura é notavelmente intrigante e alinhada com a visão que como eu quero que seja meu museu. A estrutura é composta por vários blocos interligados, evitando a aparência monótona de um simples "caxote", e adotando uma forma fluida e não convencional. Sua estética contemporânea oferece um exemplo inspirador de como a modernidade pode ser incorporada ao design arquitetônico de um museu

CENTRO IDEAL LAND ART E CULTURE

O Centro Cultural, localizado em Zhengzhou, na China, está situado em um bairro residencial, destacando-se como uma construção marcante em relação ao seu entorno. Sua aparência assemelha-se a um objeto que repousa suavemente no terreno. Este centro cultural, uma construção contemporânea, apresenta forma de prismas que se conectam com outros prismas, contrastando com um edifício residencial alto e simples.

O Centro Cultural possui múltiplos acessos verticais em todas as quatro fachadas do edifício. Situado em um ambiente arborizado e em um país com um clima distinto, não se pode determinar com precisão a quantidade de luz solar direta que atinge o interior do edifício. No entanto, a presença de árvores ao redor sugere que alguma quantidade de luz natural é filtrada para dentro do edifício.

O Centro Cultural é um edifício que apresenta diversos volumes de alturas variadas, resultando em uma composição simples com adições e subtrações. Esses volumes são compostos por concreto e vidro, criando a ilusão de que a laje está flutuando. Acredita-se que o conceito do arquiteto era criar uma estrutura mais leve, por isso os volumes estão afastados e empregam os mesmos materiais e técnicas.

Figura 22: Planta Térreo Centro Ideal Land Art e Culture



Fonte: Archdaily em 29/03/2024

Além disso, a presença do espelho d'água ajuda a reforçar essa ideia de leveza e fluidez na construção. Este edifício aproveita de forma inteligente os jogos de luz e sombra, utilizando aberturas estratégicas e materiais específicos para criar uma atmosfera onde a luz natural desempenha um papel importante, especialmente durante o período da manhã.

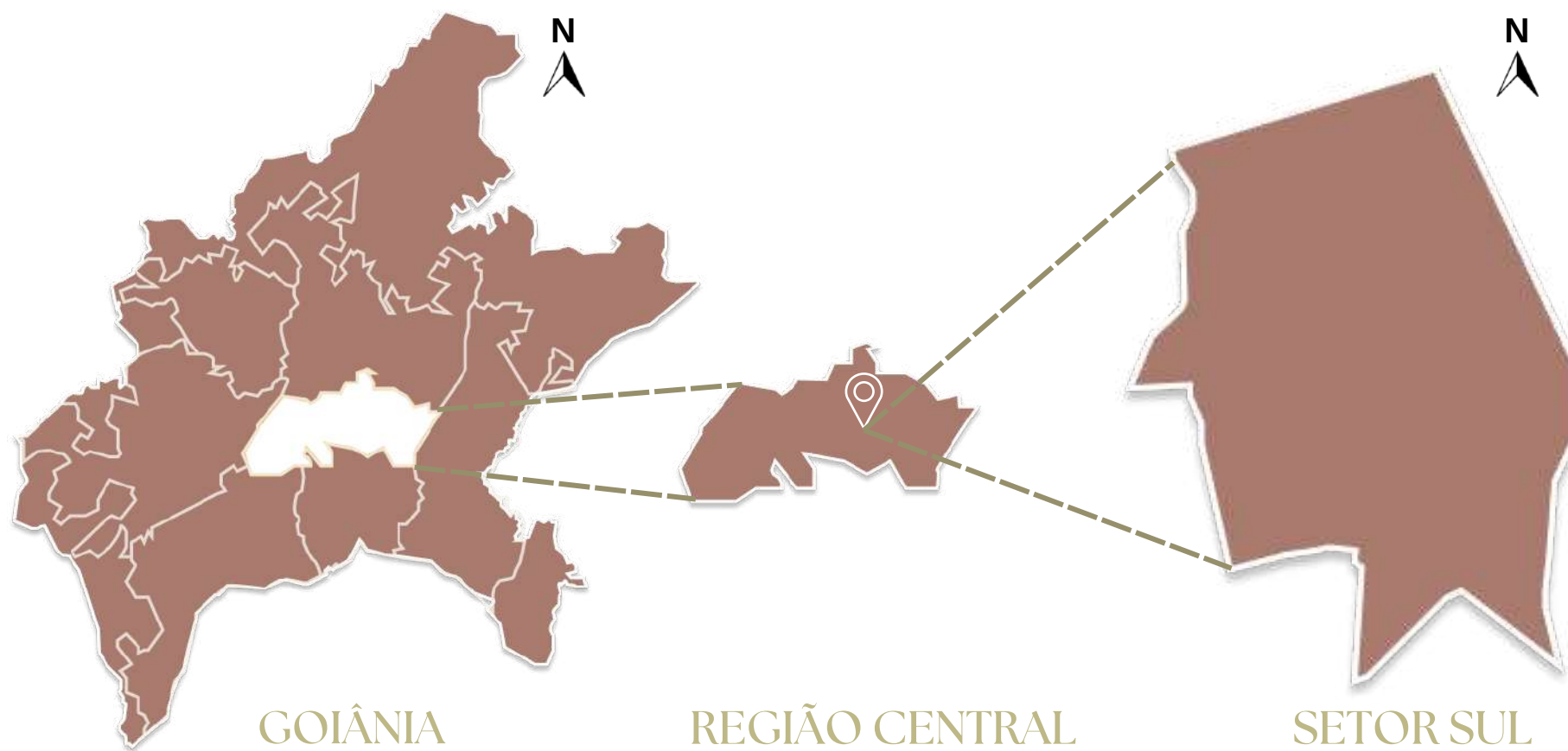
Apesar de serem compostos por diferentes blocos, todos compartilham a mesma finalidade cultural. Embora a planta não seja simétrica, o fluxo entre os ambientes foi cuidadosamente planejado para otimizar o funcionamento do Centro Cultural. Os espaços são distintamente definidos para melhor atender às suas finalidades.

04 REGIÃO E LUGAR

Enquanto ser mulher negra não for considerado humano nessa sociedade, enquanto a gente for vista como meros objetos sexuais ou pessoas para determinadas posições, a gente precisa reconfigurar essa humanidade. A gente só reconfigura esse mundo, quando essas vozes passam a falar (...) Romper com o silêncio é romper com a violência

Djamila Ribeiro

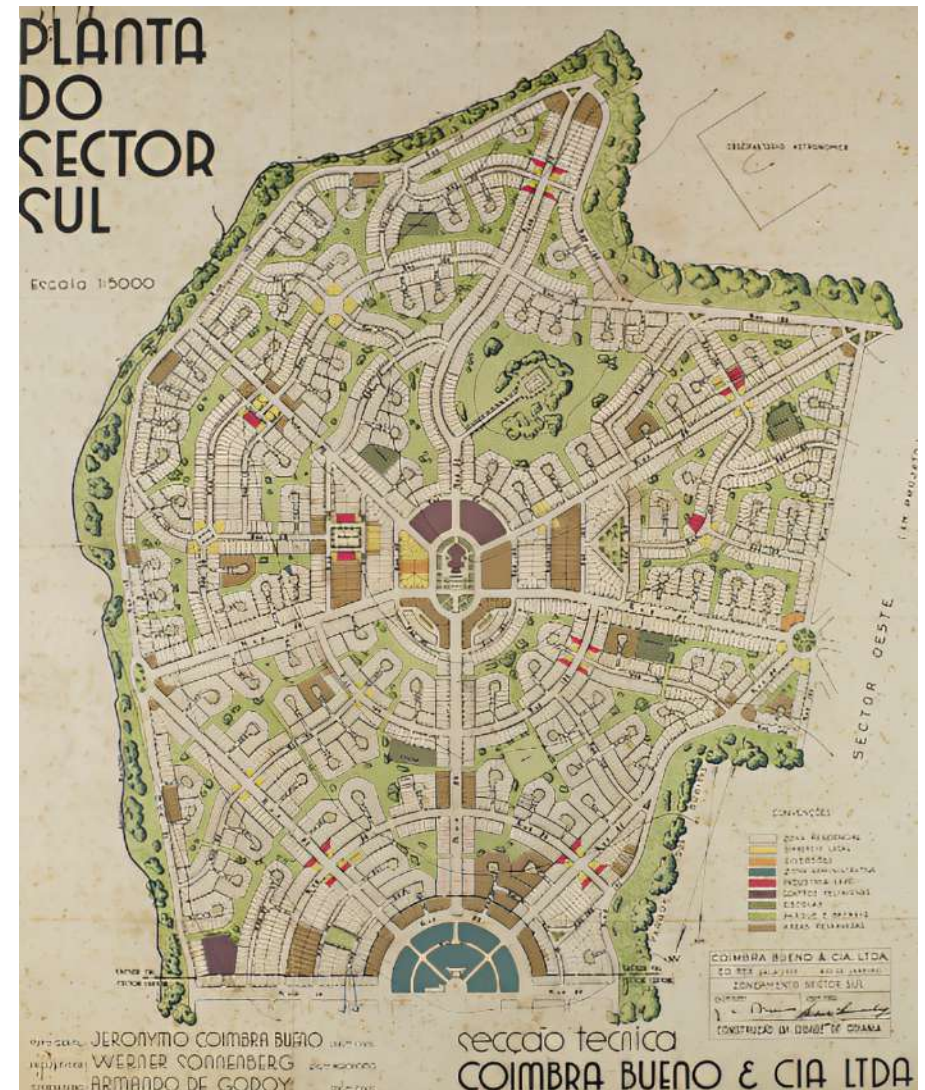
REGIÃO E LUGAR



SETOR SUL

Godoy, inspirado no conceito inglês da cidade jardim de Howard e nos moldes do subúrbio americano de Redburn nos Estados Unidos, projeta então um bairro jardim para a capital que nascia. O traçado do Setor Sul traz como referência um conceito urbano que busca, principalmente a preocupação com o bem-estar dos habitantes, considerando a integração entre o homem e a natureza. Essa preocupação se concretiza em um traçado orgânico, com unidades de vizinhança entremeadas por amplas áreas verdes e recantos.

Suas ruas foram pensadas de modo a obedecer a uma hierarquia que considera a intensidade do tráfego, buscando separar as vias de pedestres das vias de automóveis. No traçado original do bairro foram desenhadas as vias arteriais, as vias coletoras, as vias locais e cul-de-sacs, as vias de circulação de pedestres, localizadas nas abundantes áreas verdes e vielas, as praças, as quadras e os terrenos para as casas, dispostos no traçado de modo a favorecer o convívio entre as pessoas. Em sua concepção original quase todos os lotes possuíam duas frentes, abrindo-se tanto para um cul-de-sac (rua sem saída) quanto para uma área verde, no interior da quadra.



SETOR SUL

As vias que cortam as áreas verdes foram projetadas para servir de acesso principal às residências, enquanto os cul-de-sac foram concebidos como ruas de serviço. Vias arteriais ligam o sul ao centro e aos demais bairros da cidade. No projeto de Godoy, essas vias foram concebidas como um asterisco a partir uma grande praça circular, a Praça do Cruzeiro hoje denominada Praça Germano Roriz.

O projeto do bairro foi aprovado em 1938. A princípio, previu-se sua implementação somente a partir de 1962. Entretanto, o Governo do Estado iniciou a venda de lotes no bairro ainda em 1937.

Em 1950, pressionado pelos proprietários e pela contínua incidência de invasões na área destinada ao futuro bairro, o Governo liberou a ocupação dos terrenos. A antecipação da permissão para construções no bairro anteriormente à conclusão de sua urbanização favoreceu bastante a descaracterização do projeto original. Por ignorarem o projeto, a maior parte dos proprietários dos terrenos terminou por construir as edificações com as frentes voltadas para os cul-de-sac e os fundos para as áreas verdes.

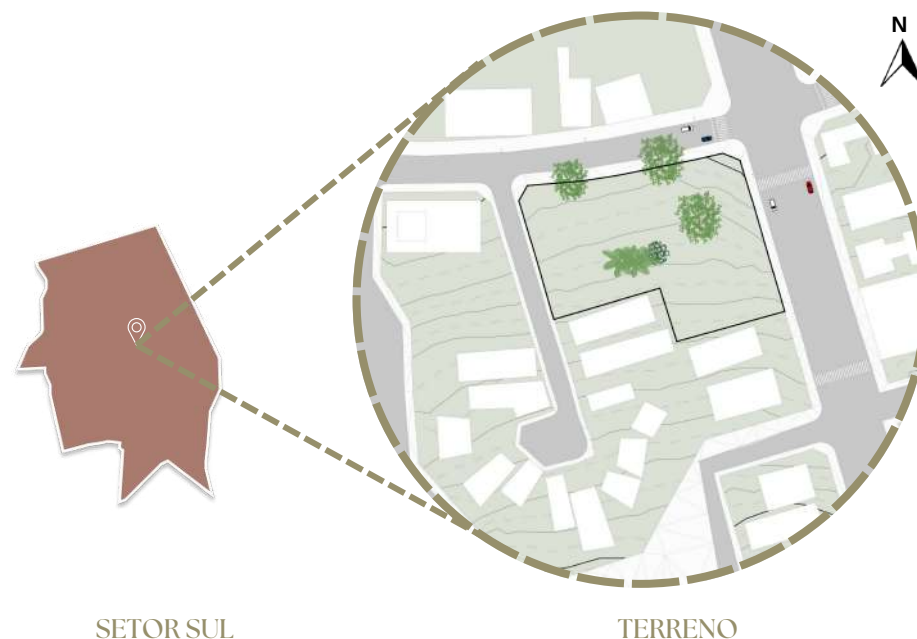
A urbanização do bairro dar-se-ia, em ritmo lento, ao longo das décadas de 50 e 60, mas negligenciava muitos aspectos do projeto, especialmente as áreas verdes.

Muitas de tais áreas foram legal e ilegalmente apropriadas por donos de lotes adjacentes. Outras converteram-se em espaços baldios.

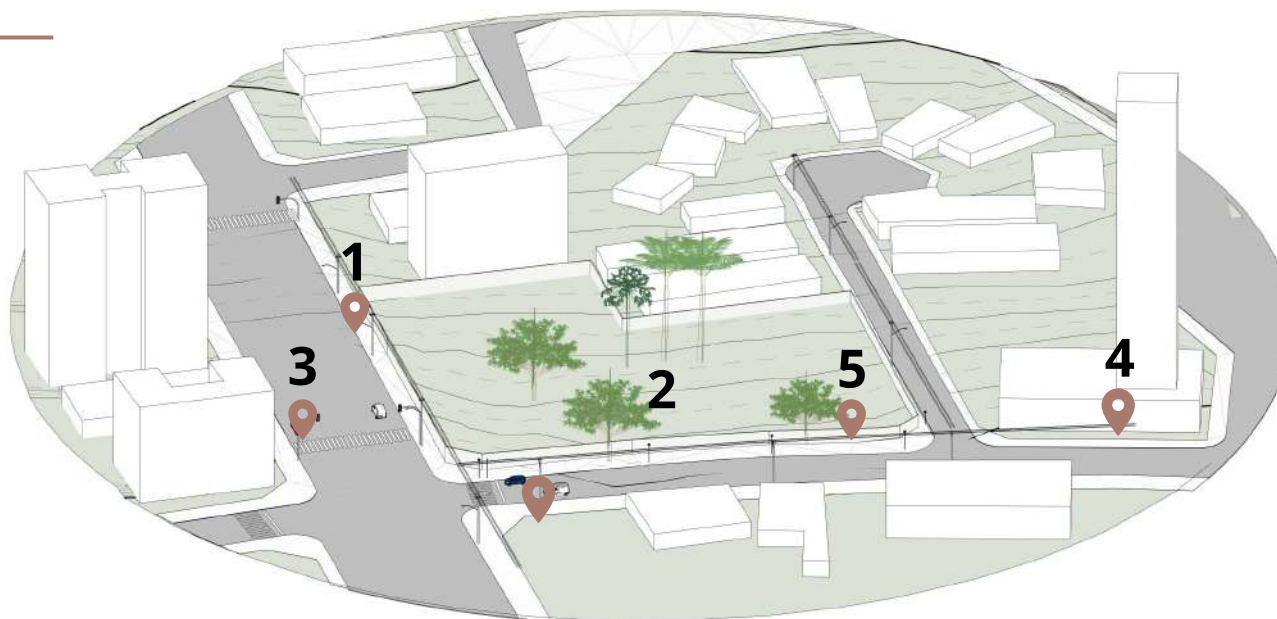


ESCOLHA DO TERRENO

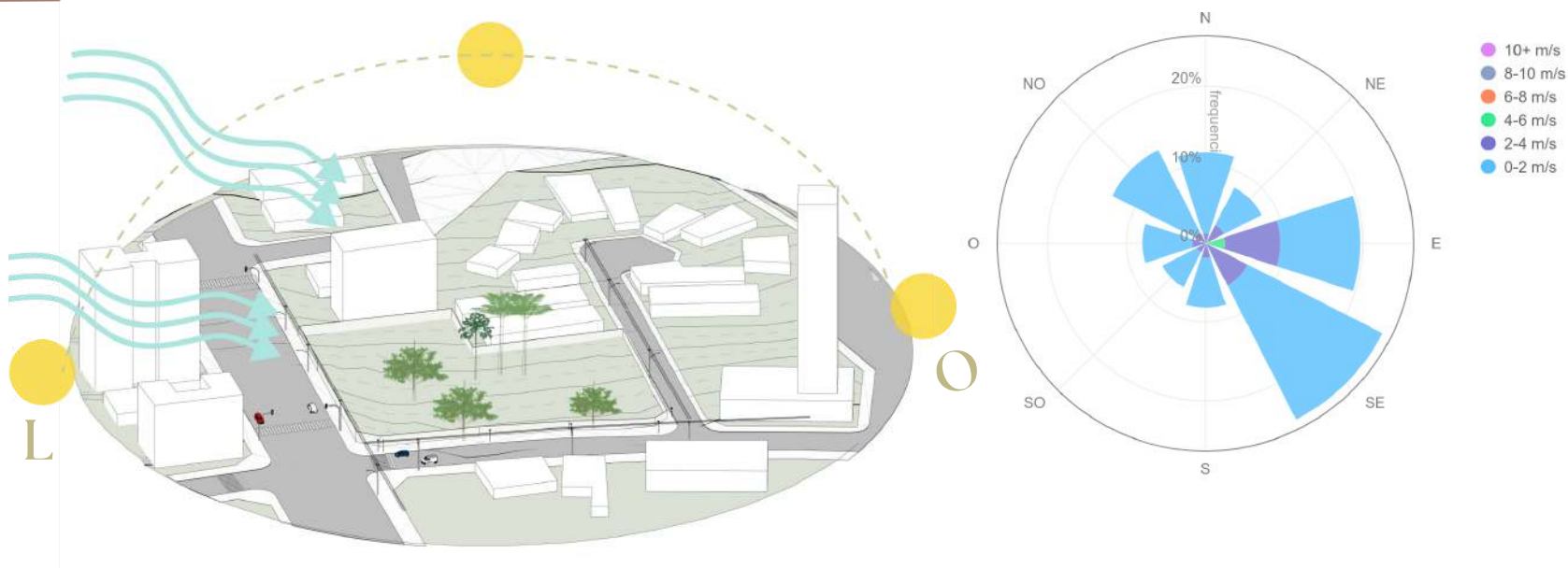
A escolha desse terreno foi estratégica, dado sua proximidade com a Praça Cívica, localizada em uma região central. Para um museu de temática diferenciada, é fundamental que esteja em um ponto centralizado, facilitando o acesso de visitantes. Além disso, a presença do BRT bem em frente ao terreno é uma grande vantagem, pois garante uma acessibilidade ampla e eficiente para todos. Outro ponto positivo é o entorno, que já conta com outros centros culturais, reforçando a ideia de que o local está bem posicionado e consolidado culturalmente. O terreno, situado no Setor Sul, possui uma área de 4.202,05 m² e apresenta um leve desnível de 2 metros, o que oferece interessantes possibilidades para o desenvolvimento arquitetônico do projeto.



ENTORNO



ASPECTOS FÍSICO AMBIENTAIS



Já na fachada voltada para a Rua 84, que recebe uma insolação mais favorável, foi utilizado um elemento vazado em aço corten, fazendo uma releitura de materiais naturais como palha e madeira, amplamente usados na arquitetura africana. Esse elemento traz não só um apelo estético, mas também funcional, filtrando a luz de forma equilibrada. Para contrapor, uma parede de concreto foi equipada com brises, permitindo a regulação da entrada de luz e calor, ao mesmo tempo que cria uma harmonia entre materiais contemporâneos

PONTO DE ÔNIBUS



A proximidade do terreno com quatro pontos de ônibus e a passagem do BRT na frente garantem fácil acesso ao local por meio do transporte público. Além disso, a localização próxima à Praça Cívica, que também conta com outros pontos de ônibus, reforça a escolha estratégica do terreno para o projeto. O objetivo foi proporcionar acessibilidade a todos, tanto para quem utiliza transporte particular quanto público, evitando os problemas enfrentados por locais como o Centro Cultural Oscar Niemeyer, onde a oferta de transporte público é limitada e os pontos de parada

SISTEMA VIÁRIO



O Setor Sul é predominantemente composto por ruas locais, que facilitam o acesso interno e garantem um trânsito mais tranquilo para a área residencial. Em frente ao terreno encontra-se a Rua 84, uma Via Arterial de 1ª Categoria, que desempenha um papel fundamental na mobilidade urbana, conectando a região diretamente à Praça Pedro Ludovico, um importante ponto de convergência do fluxo viário. Na lateral do terreno, a Rua 94 atua como uma Via Arterial de 2ª Categoria, complementando a infraestrutura de transporte e distribuindo o tráfego de maneira eficiente

GABARITO



De acordo com o Plano Diretor, as edificações no Setor Sul devem ter uma altura máxima de 7,5 metros, o que explica a predominância de construções com até 3 pavimentos. No entanto, a Rua 84 é uma área onde o uso do solo permite a verticalização, por isso há edifícios com mais de 3 pavimentos ao longo dessa via. Já na Rua 94, as construções devem respeitar o limite de 7,5 metros de altura. Ainda assim, o Edifício Rizzo Plaza se destaca, com mais de 20 pavimentos, destoando das demais edificações da região.

CHEIOS E VAZIOS



O Setor Sul é um dos bairros mais antigos e consolidados de Goiânia. Sua estrutura urbana é marcada por áreas predominantemente ocupadas, com poucos espaços vazios, que são majoritariamente os recuos das edificações nos terrenos. O terreno onde será construído o museu anteriormente abrigava um lava jato, ao lado de um escritório de advocacia. O escritório de advocacia será relocado para o edifício comercial adjacente.

USO DE SOLO



No entorno do terreno, é possível observar que o uso do solo no Setor Sul está dividido entre áreas residenciais e de serviços. A presença significativa de estabelecimentos de serviços se deve à proximidade com a Praça Cívica e o Palácio da Justiça. Na Rua 94, por exemplo, há uma grande concentração de escritórios de advocacia, e ao lado do terreno em questão também se encontra um escritório.

PONTOS NOTÁVEIS



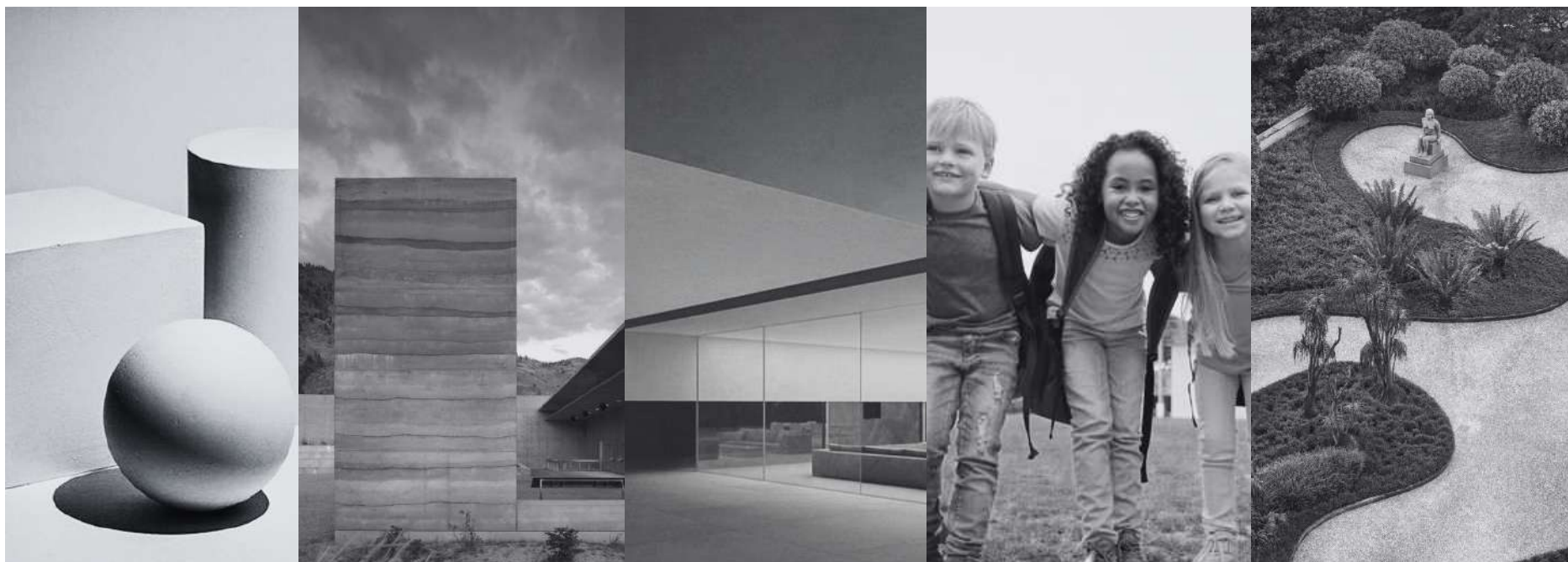
Um dos fatores que influenciaram a escolha do terreno foi a proximidade com outros espaços culturais. No estudo de caso sobre o Museu Nacional da História e Cultura Afro-Americana, observe-se que a presença de museus e centros culturais nas redondezas estimula as pessoas a visitarem não apenas uma instituição, mas também outras na área. Da mesma forma, o entorno deste terreno conta com o Espaço Cultural Rizzo, a Cerrado Galeria de Arte e o Centro Cultural Martim Cererê, o que reforça esse potencial atrativo e de integração cultural.

05 O PROJETO

O movimento negro tem várias faces, mas sempre é uma continuidade da grande luta de libertação cujo maior líder e referência básica é Zumbi dos Palmares.

Abdias do Nascimento

DIRETRIZES PROJETUAIS



1

FORMAS PURAS

2

USO DA
MATERIALIDADE

3

VÃOS LIVRES

4

PARTICIPAÇÃO DA
COMUNIDADE COM
EDIFÍCIO

5

ESPAÇO VERDE

PROGRAMA DE NECESSIDADE

PROGRAMA DE NECESSIDADE					
SETOR	AMBIENTE	FUNÇÃO	USUÁRIOS	QTD	DIMENSIONAMENTO
CUTURAL	RECEPÇÃO	RECEPCIONAR	20	3	143,47
	SANITÁRIO FEM.	HIGIENIZAÇÃO	7	2	50,37
	SANITÁRIO MAS.	HIGIENIZAÇÃO	7	2	44,03
	SANITÁRIO PCD	HIGIENIZAÇÃO	1	2	39,06
	DEPÓSITO	ARMAZENAMENTO DE OBRAS	10	1	29,77
	EXPOSIÇÃO PERMANENTE	ÁFRICA E ORIGEM	80	1	270,36
		ESCRavidÃO	80	1	236,32
		ERA DA MINERAÇÃO	80	1	270,36
		VILAS QUILOMBOLAS	80	1	236,32
		HISTÓRIAS E MEMÓRIAS	80	1	236,32
	EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	EXPOR	150	1	468,66
	SALA DE OFICINAS	ENSINAR	30	2	121,60
	BIBLIOTECA/SALA DE PESQUISA	PESQUISAR	50	1	259,77
	AUDITÓRIO	AUDITÓRIO	224	1	462,13
		SALA DE SOM	1	1	20,31
		CABINE	1	1	20,31
		BILHETERIA	3	1	20,31
		SANITÁRIO FEM.	3	2	31,12
		SANITÁRIO MASC.	3	2	27,98
		SANITÁRIO PCD	1	2	10,65
		TOTAL			3011,22
	DIRETORIA	GERIR	2	1	39,11
	RECURSO HUMANO	GERIR	5	1	35,71
	ARQUIVOS	DOCUMENTAR	5	1	5,94
	FINANCEIRO	GERIR	7	1	32,08
	COMUNICAÇÃO	PESQUISAR	7	1	9,35
	SAL GUARDA	PESQUISAR	5	1	13,43
	CURADORIA	PESQUISAR	5	1	40,12
	TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO	INFORMAR	7	1	36,51
	SALA DE REUNIÃO	REUNIR	20	1	25,03
	COPA	ALIMENTAR	5	1	20,72
	SANITÁRIO FEM.	HIGIENIZAÇÃO	3	1	14,20
	SANITÁRIO MASC.	HIGIENIZAÇÃO	3	1	13,09
	DML	HIGIENIZAÇÃO	1	1	8,79
	ADMINISTRAÇÃO	GERIR	5	1	36,88
	TOTAL				340,36

SOCIAL	RECEPÇÃO	RECEPCIONAR	2	1	10,00
	SANITÁRIO FEM.	HIGIENIZAÇÃO	5	1	25,03
	SANITÁRIO MASC.	HIGIENIZAÇÃO	5	1	23,94
	SANITÁRIO PCD	HIGIENIZAÇÃO	1	2	10,09
	DML	HIGIENIZAÇÃO	1	1	5,46
	CAFÉ	ALIMENTAR	15	1	32,40
	LANCHONETE	ALIMENTAR	40	1	105,96
	LOJAS	VENDER	50	2	51,83
	TOTAL				269,51
	TOTAL				269,51
SERVIÇO	ESTACIONAMENTO + CARGA E DESCARGA	ESTACIONAR	47	1	1353,01
	SALA DE SEGURANÇA	VIGIAR	5	1	16,81
	SALA DE MANUTENÇÃO	MANUTENÇÃO	5	1	16,50
	CONJUNTO GERADOR	-	-	1	27,44
	CASA DE BOMBAS	-	2	1	9,77
	CASA DE BOMBAS	-	-	1	21,56
	TOTAL				1448,69



CULTURAL

3.011,22 m²



SERVIÇO

1.448,69 m²



SOCIAL

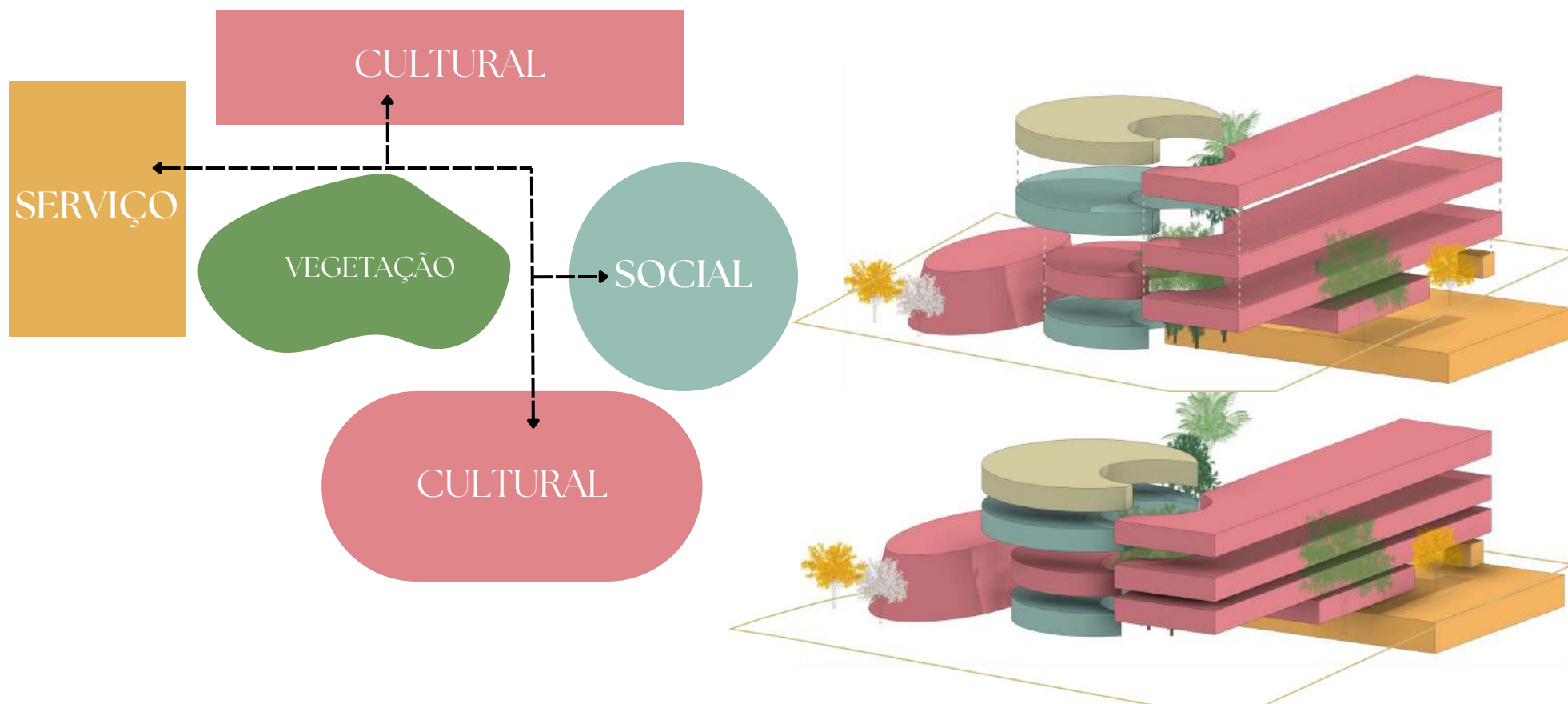
269,51 m²



ADM.

340,36 m²

FLUXOGRAMA



CULTURAL



SERVIÇO



SOCIAL



ADM.

3.011,22 m²

1.448,69 m²

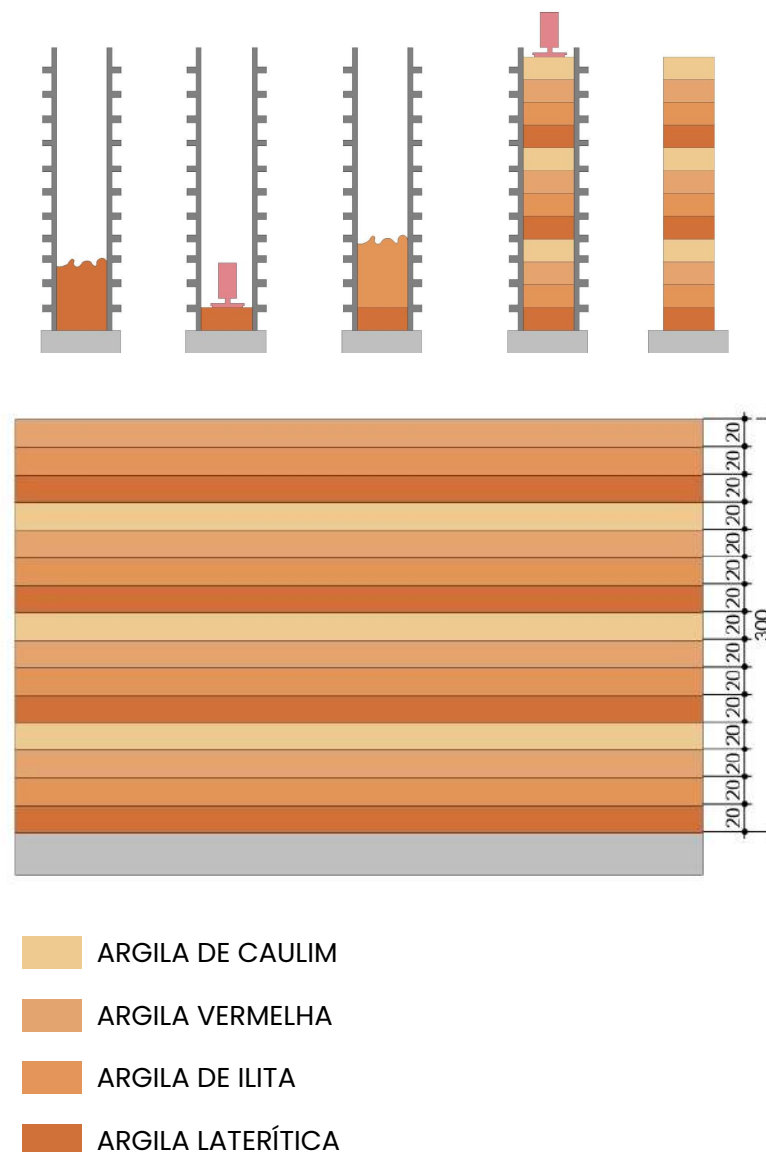
269,51 m²

340,36 m²

MATERIALDADE

A escolha dos materiais partiu da intenção de representar uma comunidade e seu legado por meio da matéria utilizada. Assim, para trazer representatividade ao projeto, o edifício da exposição seria construído com paredes de taipa de pilão. Esse material é amplamente utilizado em comunidades quilombolas e em construções africanas tradicionais. As paredes da exposição têm 50 cm de espessura, compostas por diferentes camadas de argila. A primeira camada, de 20 cm, é feita de argila laterítica, comum no estado de Goiás; a segunda, também de 20 cm, é de argila ilítica; seguida por uma camada de argila vermelha; e, por fim, uma camada de caulim. Esse padrão de camadas se repete até a cobertura.

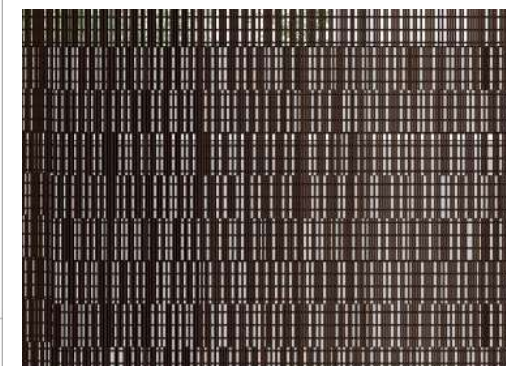
O uso de técnicas tradicionais é combinado com uma abordagem contemporânea, proporcionando um equilíbrio estético e funcional ao museu. As paredes espessas de taipa garantem um ótimo conforto térmico, isolando a temperatura interna e protegendo o edifício das exposições, especialmente nas fachadas voltadas para o oeste e o norte, que recebem maior incidência solar. Para complementar essa estratégia de isolamento, foram instaladas janelas de 60 cm de largura por 2,00 m de altura, alternando entre janelas fixas e basculantes, para melhor controle da ventilação e iluminação natural.



MATERIALDADE

O projeto do bloco social incorpora elementos de fachada em aço corten, cuja geometria retangular é inspirada nas ripas de madeira, uma referência amplamente utilizada na arquitetura vernacular africana. A proposta remete ao trabalho do renomado arquiteto Diebédo Francis Kéré, especialmente ao projeto da Escola Secundária Lycée Schorge, onde ripas de madeira foram empregadas como uma segunda pele, semelhante a um cobogó, criando um eficiente sistema de sombreamento para a edificação.

Seguindo essa mesma lógica, as ripas de aço corten foram projetadas para proporcionar sombreamento eficaz, além de agregar dinamismo e movimento à fachada. O uso do aço corten oferece durabilidade e resistência, mantendo a estética inspirada na arquitetura vernacular africana e promovendo uma conexão com a cultura e os princípios de sustentabilidade.



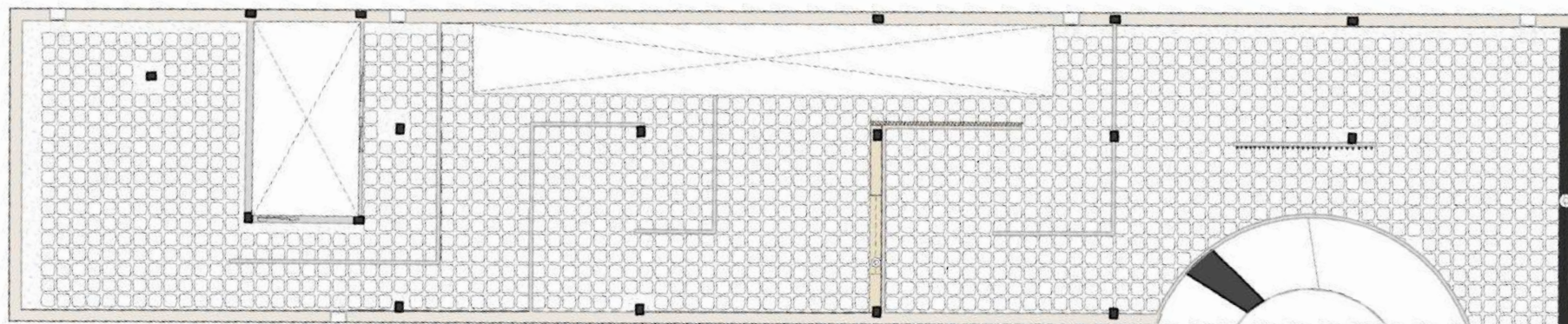
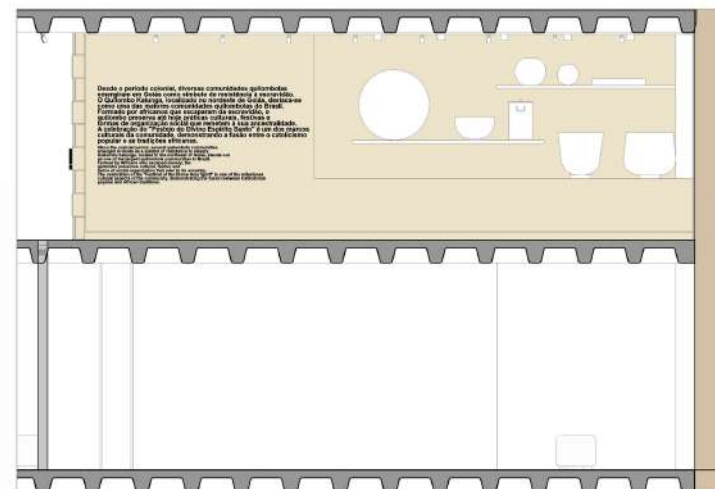
■ AÇO CORTEN

- RAIOS SOLAR
- AR QUENTE
- AR FRIO



ESTRUTURA

Em relação à estrutura para vencer grandes vãos, devido à exigência de exposições amplas, optou-se pelo uso de laje nervurada. Além disso, as nervuras da laje foram integradas ao projeto, não apenas como elementos estruturais, mas também como parte da exposição, visto que a iluminação geral será instalada nas próprias nervuras. Os pilares têm dimensões de 30 x 30 cm, com uma seção espaçada a cada 10 metros. Para as demais edificações, foi escolhida a laje maciça, com pilares também de 30 x 30 cm. No bloco social, as paredes serão de parede concreto igual no auditório



■ AÇO CORTEN

PAISAGISMO



Quanto ao paisagismo, a intenção é integrar o edifício ao ambiente natural do Setor Sul, que é amplamente reconhecido por sua arborização abundante. Buscou-se criar uma continuidade visual e ambiental, reforçando a presença de áreas verdes que dialogam com a paisagem local e favorecem uma maior aceitação e identificação por parte da comunidade.

Para compor o paisagismo, foram selecionadas espécies tropicais e vegetação nativa do Cerrado, destacando a riqueza e diversidade da flora regional. Essa escolha não apenas valoriza a identidade local, mas também promove um ambiente sustentável e acolhedor, harmonizando o edifício com o entorno e contribuindo para o bem-estar dos usuários.



Arena Bambu
Dypsis lutescens



Curculigo
Curculigo capitulata



Guaimbê
Philodendron bippinatifidum



Ravenala
Ravenala madagascariensis



Ave do Paraíso
Strelitzia reginae



Bromélia Guzmania
Guzmania sp



Costela de Adão
Montera deliciosa



Palmeira Imperial
Roystonea oleracea



Heliconia
Heliconia sp



Cana Índia
Canna indica

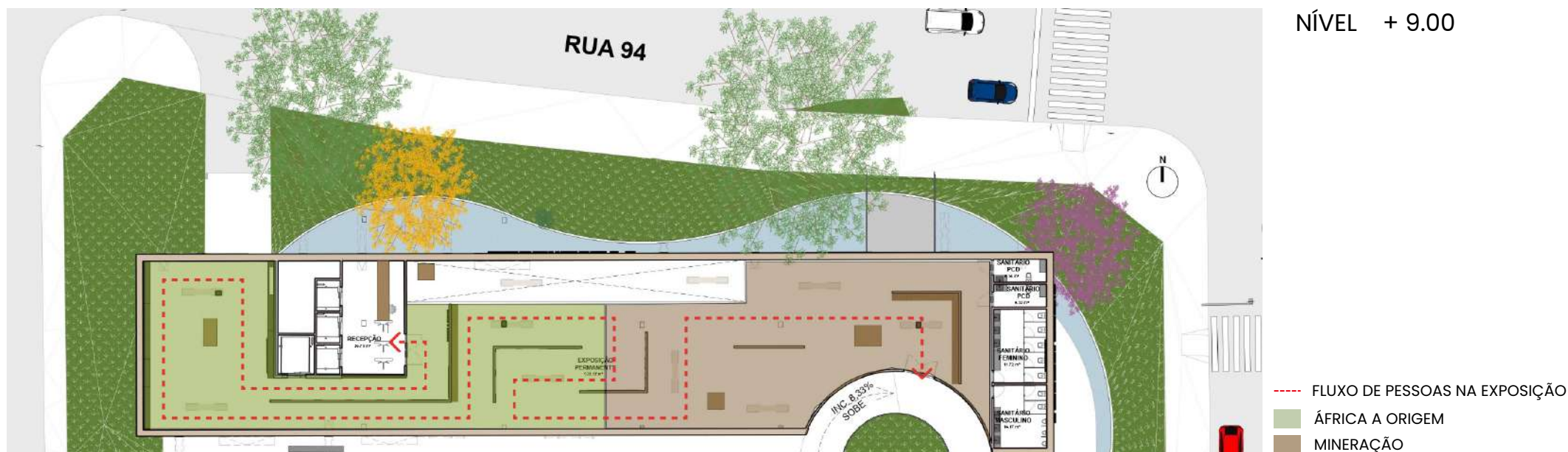


Resedá
Lagerstoemia



Ipê Amarelo
Tabebuia serratifolia

EXPOSIÇÃO PERMANENTE



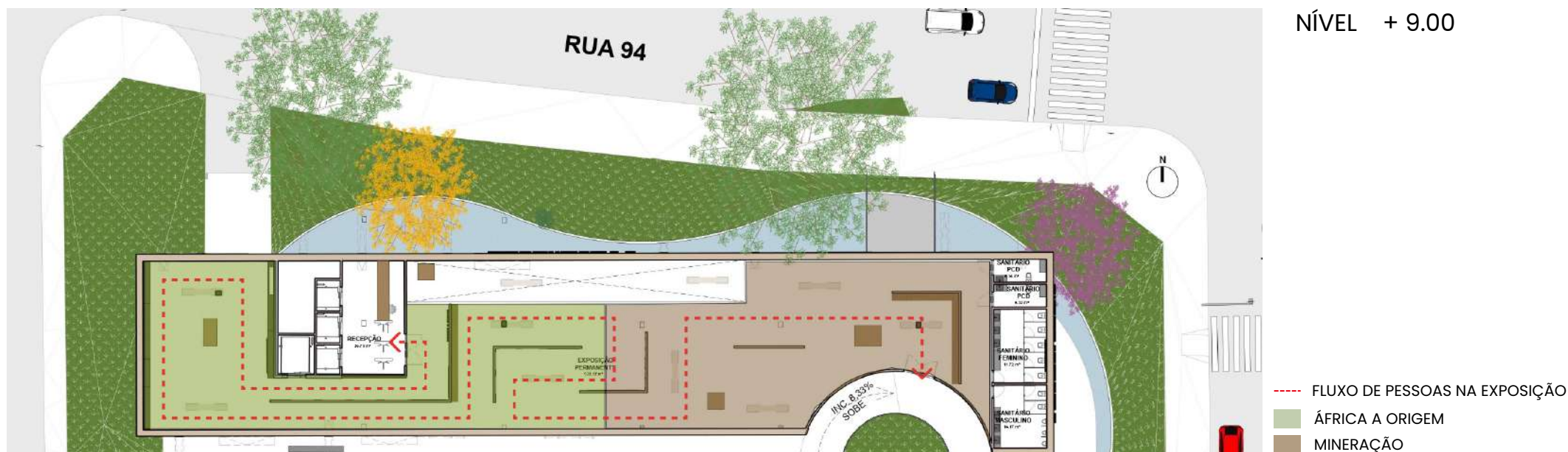
A exposição permanente tem início no segundo pavimento, que foi dividido em dois temas principais na sua concepção expográfica: África, a Origem e A Mineração. Em África, a Origem, será abordado o princípio da história dos negros escravizados, destacando as cidades africanas que tiveram um papel direto no processo de transbordo de pessoas para o Brasil. O foco será também nas influências africanas nas técnicas construtivas, de mineração, de agricultura e em outras práticas que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil e de outras nações.

Além disso, o espaço irá explorar as contribuições africanas para a cultura brasileira, como alimentos, palavras, músicas e costumes que se integraram ao português falado no Brasil. A exposição contará com telas interativas que permitirão ao visitante vivenciar a experiência do navio negreiro, proporcionando uma sensação imersiva sobre as difíceis condições enfrentadas pelos negros escravizados durante o trajeto. O objetivo é oferecer uma compreensão mais profunda da história e da resistência de um povo fundamental na formação da sociedade brasileira.

ÁFRICA A ORIGEM



EXPOSIÇÃO PERMANENTE



Na seção Era da Mineração, será abordada a história dos negros escravizados no século XVIII, com foco em Minas Gerais, que foi o principal centro de mineração do período colonial. Em seguida, o texto explorará a importância de Goiás, que também se destacou pela grande extração de ouro, resultando na fundação de diversas cidades impulsionadas por essa atividade econômica. A exposição incluirá itens históricos amplamente utilizados na época, como a batea, um recipiente cônico ou em formato de bacia, feito de madeira ou metal, essencial no processo de garimpagem.

Quanto ao fluxo da exposição, os visitantes sairão da recepção, seguirão pela exposição África: A Origem, passando pela Era da Mineração, e descerão a rampa que os levará ao 1º pavimento, onde se inicia a seção A Escravidão.

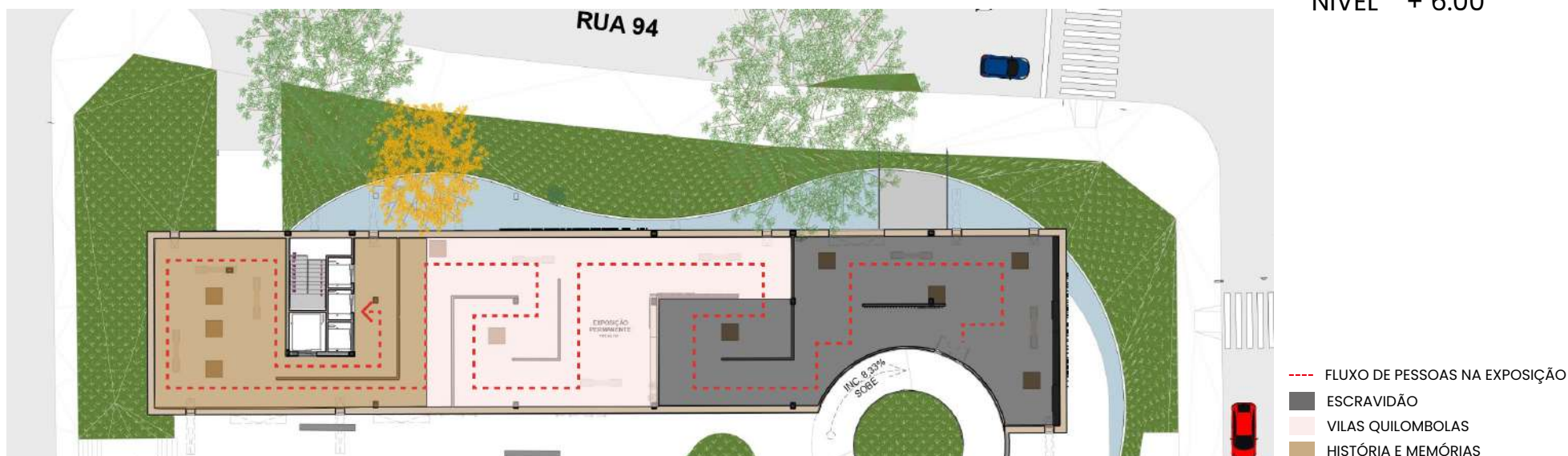
No 2º pavimento, há um rasgo na laje que permite a entrada de luz natural, destacando as obras de grande porte expostas na parede. Além disso, os visitantes conseguem ter uma prévia da continuidade da exposição a partir desse ponto.

ERA DA MINERAÇÃO



EXPOSIÇÃO PERMANENTE

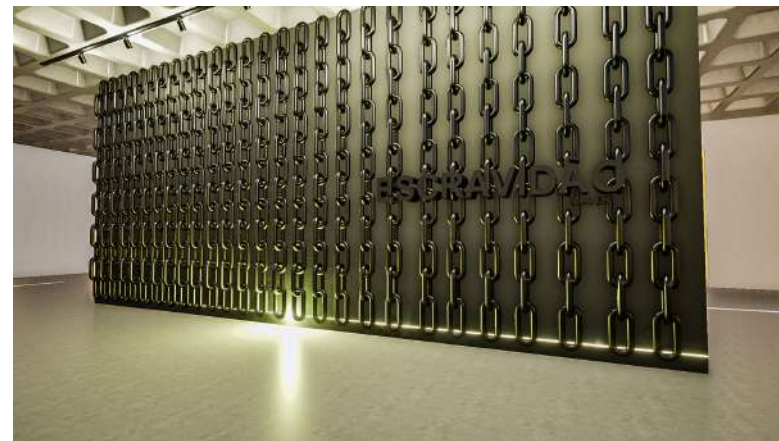
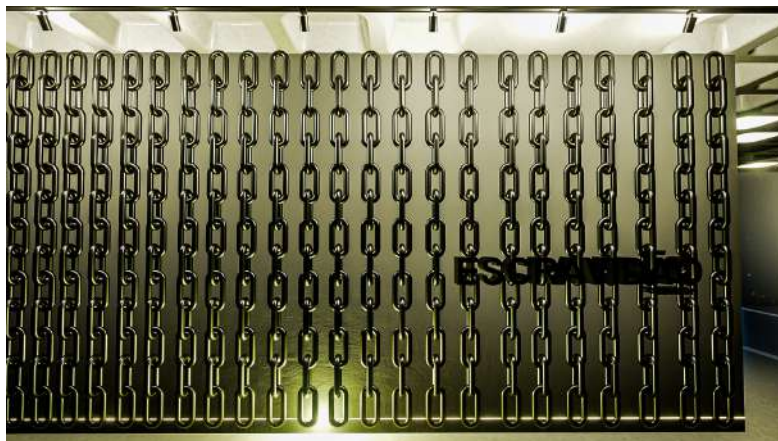
NÍVEL + 6.00



A exposição A Escravidão retrata as condições desumanas a que os negros escravizados eram submetidos. Será mostrado como essas pessoas eram tratadas, compradas e vendidas, com seu valor frequentemente comparado ao de animais — muitas vezes, tratados de maneira ainda mais cruel. A violência sexual contra mulheres negras era comum, e famílias inteiras que chegaram ao Brasil nos navios negreiros foram brutalmente separadas. Além disso, as crenças, religiões e culturas dos escravizados eram reprimidas, impossibilitando a expressão de sua identidade cultural.

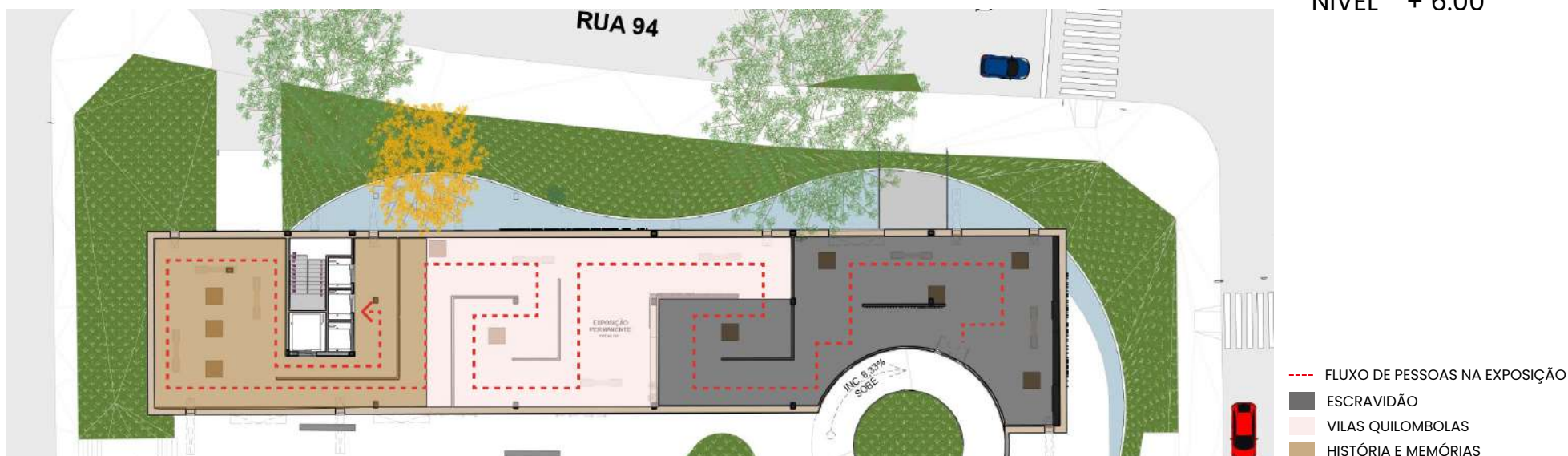
A exposição também apresenta os instrumentos de tortura utilizados contra os negros escravizados, como correntes, algemas, grilhões, a máscara de Flandres, a gargalheira, entre outros, revelando a brutalidade dos castigos impostos. Essa parte da exposição revela a verdadeira situação vivida pelos povos escravizados, uma realidade frequentemente omitida ou minimizada nos livros escolares. Destaca-se o maior holocausto da história brasileira, marcado pela brutalidade sofrida tanto pelos negros quanto pelos povos indígenas.

ESCRAVIDÃO



EXPOSIÇÃO PERMANENTE

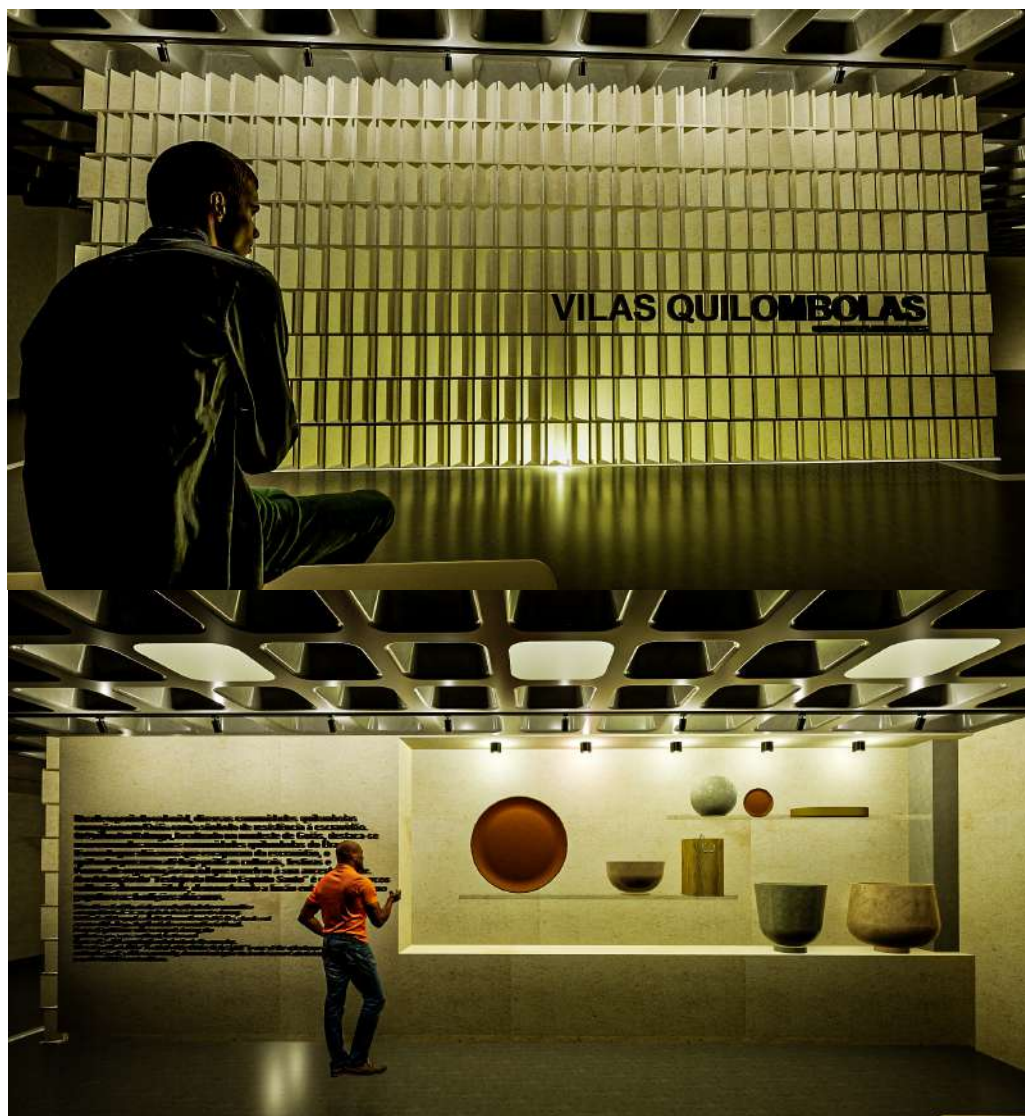
NÍVEL + 6.00



Ao passar da exposição A Escravidão, os visitantes são conduzidos à seção Vilas Quilombolas. Nessa exposição, as comunidades quilombolas serão destacadas, com ênfase especial na comunidade Kalunga, a maior comunidade quilombola de Goiás. Serão apresentados artesanatos, itens simbólicos e histórias marcantes, além de relatos que dão voz às experiências e memórias dessas pessoas, conectando os visitantes à rica herança cultural dos povos originários.

Ao sair da seção Vilas Quilombolas, os visitantes encontram a exposição História e Memórias, dividida em uma parte interna no museu e uma exposição ao ar livre. Na área interna, serão exibidas obras, pinturas, histórias e retratos de figuras negras representativas, baseadas no acervo do Fundo Cultural Palmares. A exposição destaca personalidades brasileiras, figuras internacionais e notáveis goianos, entre outros. Esta seção serve como uma homenagem e uma forma de reconhecimento, proporcionando conhecimento e valorização das contribuições dessas pessoas para todos que visitam o museu.

VILAS QUILOMBOLAS



HISTÓRIA E MEMÓRIA



RENDER



RENDER



RENDER

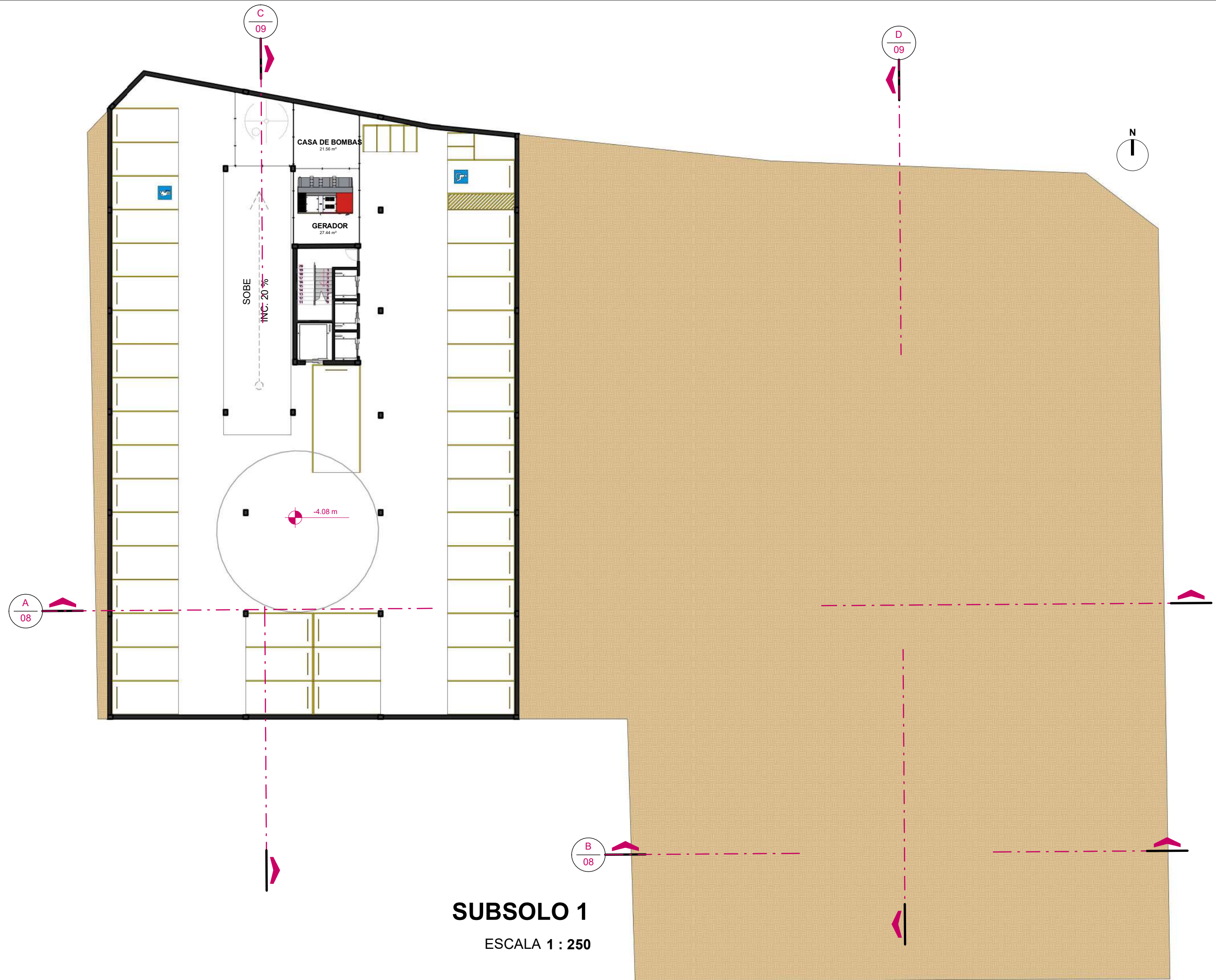


CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste projeto, foram realizadas diversas experimentações de forma e setorização, culminando na proposta final de um museu de formas puras. Contudo, buscou-se explorar intensamente a materialidade para reforçar a representatividade cultural e histórica do espaço. A metodologia utilizada foi baseada no livro *Museus para o Século XXI*, de Josep Maria Montaner, no qual o Museu Afro se insere na tipologia denominada “a evolução da caixa”. Essa abordagem caracteriza-se pela adoção de uma arquitetura contemporânea, marcada por formas puras, planta livre e flexível, iluminação natural (por meio de claraboias) e simbologia presente no interior da “caixa”.

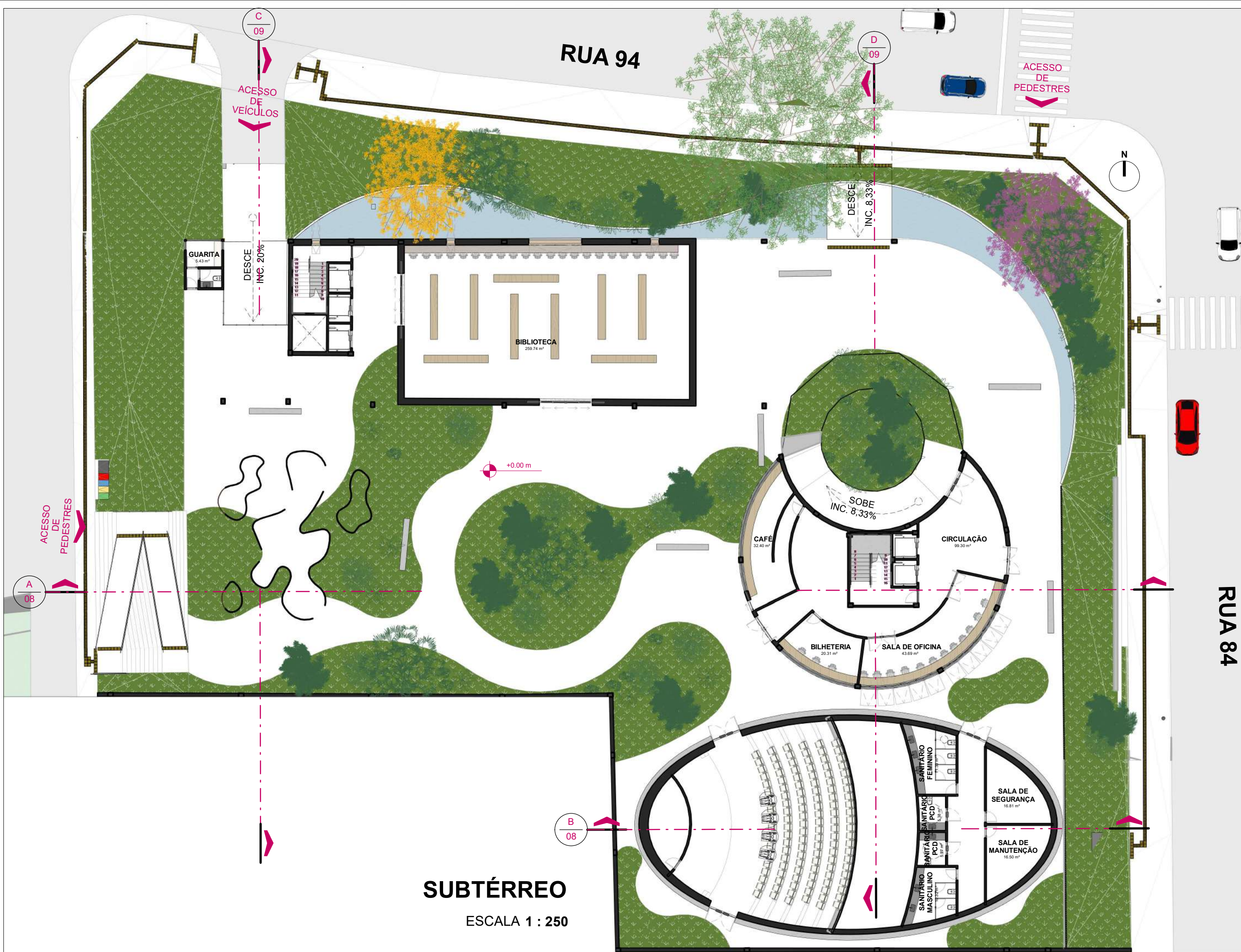
Adicionalmente, a expografia do Museu Afro “Preservando Memórias” foi desenvolvida com base na metodologia do Plano de Expografia do Museu Afro Brasil. O projeto propôs uma narrativa que percorre desde a história da África até o período contemporâneo, valorizando as memórias e a identidade afro-brasileira.

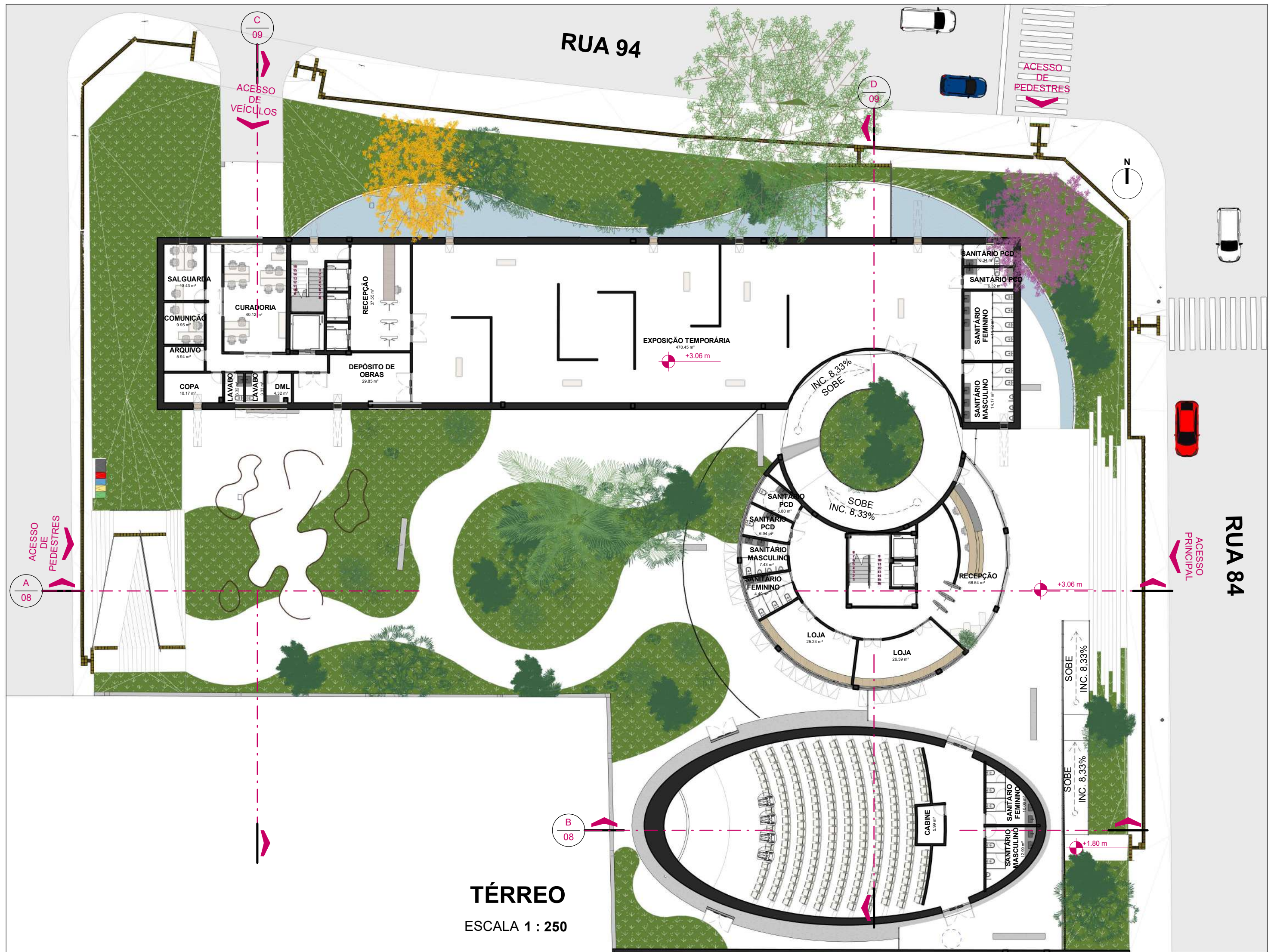
Os estudos de caso analisados foram fundamentais para o aprimoramento do projeto, contribuindo de maneira significativa para decisões relacionadas à forma, materialidade, função, estética, fluxo e circulação do museu. Esses elementos foram articulados para criar um espaço que não apenas preserva, mas também celebra as memórias e contribuições da cultura afro-brasileira.

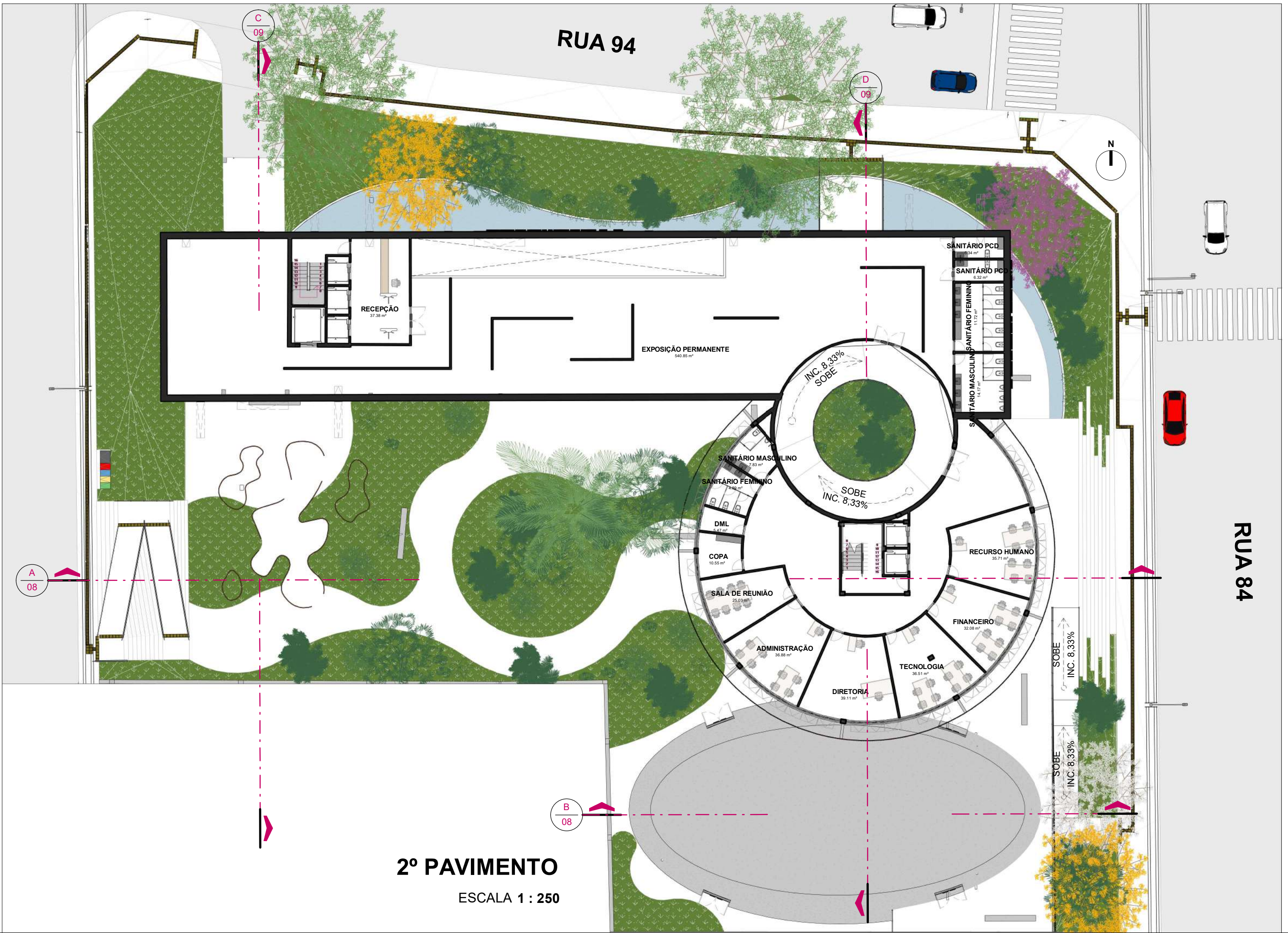


SUBSOLO 1

ESCALA 1 : 250







RUA 94

RUA 84

2º PAVIMENTO

ESCALA 1 : 250

B
08

A
08

C
09

D
09

N

RECEPÇÃO
37,38 m²

EXPOSIÇÃO PERMANENTE
540,85 m²

SANITÁRIO PCD
8,34 m²

SANITÁRIO PCD
6,32 m²

SANITÁRIO FEMININO
11,72 m²

SANITÁRIO MASCULINO
14,17 m²

SANITÁRIO MASCULINO
7,83 m²

SANITÁRIO FEMININO
8,89 m²

DML
5,37 m²

COPA
10,55 m²

SALA DE REUNIÃO
25,03 m²

ADMINISTRAÇÃO
36,88 m²

DIRETORIA
39,11 m²

TECNOLOGIA
36,51 m²

FINANCEIRO
32,08 m²

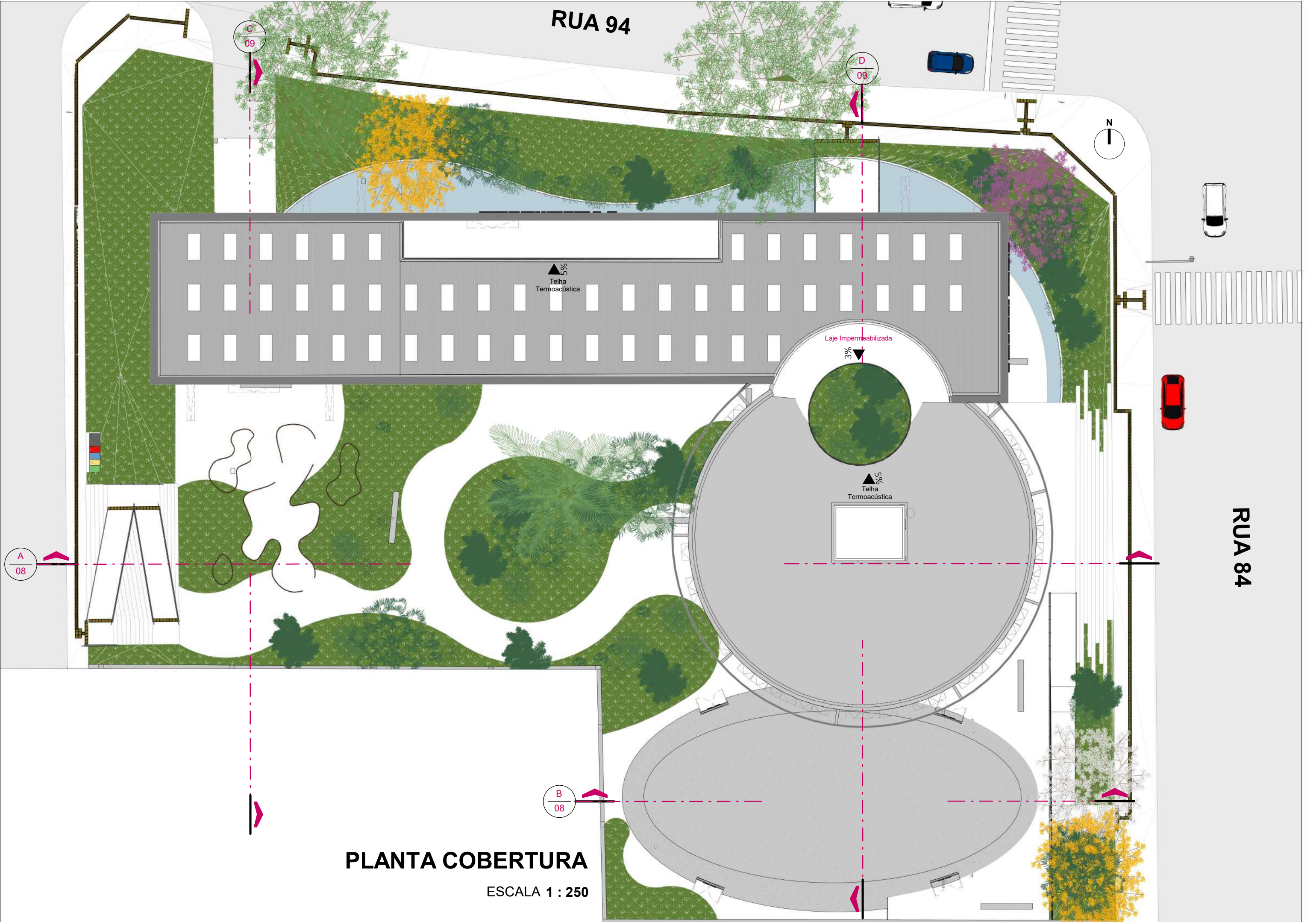
RECURSO HUMANO
35,71 m²

INC. 8,33%
SOBE

SOBE
INC. 8,33%

SOBE
INC. 8,33%

SOBE
INC. 8,33%



RUA 94

RUA 84

PLANTA COBERTURA

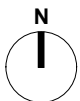
ESCALA 1 : 250

5%
Telha
Termoacústica

Laje Impermeabilizada

3%

5%
Telha
Termoacústica



C
09

D
09

A
08

B
08



RUA 94

ACESSO PRINCIPAL

N

ACESSO PRINCIPAL

RUA 84

INC. 8,33%
SOBE

INC. 8,33%
SOBE

RUA 94

ACESSO PRINCIPAL

N

ACESSO PRINCIPAL

RUA 84

INC. 8,33%
SOBE

INC. 8,33%
SOBE



CORTE AA

ESCALA 1 : 230



CORTE BB

ESCALA 1 : 230



CORTE CC

ESCALA 1 : 230



CORTE DD

ESCALA 1 : 230



FACHADA FRONTAL

ESCALA 1 : 200



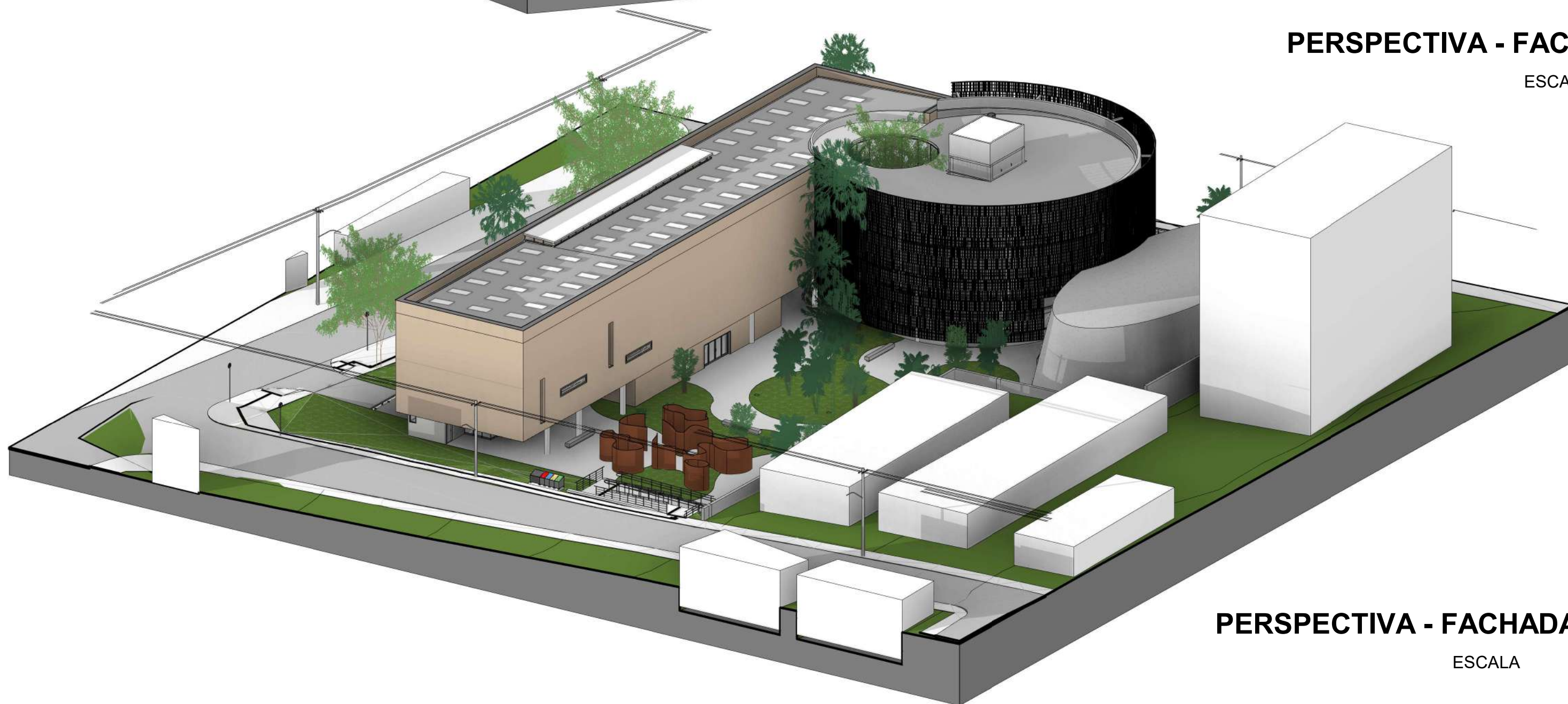
FACHADA LATERAL

ESCALA 1 : 220



PERSPECTIVA - FACHADA

ESCALA



PERSPECTIVA - FACHADA

ESCALA

REFERÊNCIAS

- MONTANER, Josep Maria. **Museus para o século XXI**. Editorial Gustavo Gili, SA, 2003.
- MORIGI, Valdir Jose; LAROQUE, Luís Fernando; MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli; GOMES, Carla Renata A.S.; BARDEN, Júlia Elisabete. **Memória Cultural na construção das identidades e mapas imaginários de práticas culturais étnica**. Pesquisa,2012.
- SILVA, Helder Kuiawinskida. A Cultura Afro como norteadora da Cultura Brasileira.Artigo,2014.
- Plano Museológico,2016. **Museu Afro Brasil**
- LUCIANE, Marinoni; VICENTE, Vania Aparecida. **Museu de história natural da UFPR**. Pesquisa,2015
- Disponível: <https://www.archdaily.com/923022/ideal-land-art-and-culture-center-verse-design>. Acesso:30/03/24
- Disponível:https://www.archdaily.com.br/br/800102/museu-nacional-da-historia-e-cultura-afro-americana-adjaye-associates/57c3997fe58ecccfd0003f6-smithsonian-national-museum-of-african-american-history-and-culture-adjaye-associates-level-1-floor-plan?next_project=no. Acesso:30/03/24
- Disponível: <http://www.museuafrobrasil.org.br/programacao-cultural/exposicoes/longa-duracao>. Acesso:30/03/24
- <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/Informe-edicao-censo-demografico2022.pdf>
- <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>
- <https://goias.gov.br/social/wp-content/uploads/sites/24/2022/05/quilombola2306-9fb.pdf>
- <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/fomento-a-cultura/personalidades-notaveis-negras-1>